

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA – O CASO DE UM
JOVEM EM FORMAÇÃO NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ**

Rafael Raia Carneiro
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Araci Asinelli da Luz

**CURITIBA
2008**

RAFAEL RAIA CARNEIRO

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA – O CASO DE UM
JOVEM EM FORMAÇÃO NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Meio Ambiente e Desenvolvimento, junto ao curso de especialização Lato Sensu da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Araci Asinelli da Luz.

**CURITIBA
2008**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA – O CASO DE UM JOVEM EM FORMAÇÃO NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ

RAFAEL RAIA CARNEIRO

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Araci Asinelli da Luz (orientadora)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Paraná

Carlos Eduardo de Souza
Doutor em Ecologia
Universidade Federal do Paraná

Gastão Octávio Franco da Luz
Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento
Universidade Federal do Paraná

CONCEITO FINAL: _____

DEDICATÓRIA

Primeiramente, a Deus – essa Força interior que todos nós temos.

Aos meus pais que sempre me apóiam a continuar os estudos.

À minha esposa Camila pelo estímulo e pela compreensão da minha ausência devido ao tempo gasto com esse trabalho e não dedicado diretamente à nossa família.

Aos colegas do Cedejor também pela compreensão de que foi preciso me ausentar da equipe por alguns momentos e pelas influências conceituais que me proporcionaram.

À professora e orientadora Araci Asinelli da Luz, pelas suas palavras sempre motivadoras e confortadoras e pelo apoio e encorajamento contínuos.

Aos demais Mestres da casa, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas do curso.

A todos aqueles que de certa forma contribuíram com esse trabalho. O meu muito obrigado.

Aos que lutam por uma humanidade mais consciente. Aos que compreendem que de nada adianta a vida do ser humano se tudo que sustenta essa vida e co-evoluiu, está deteriorando-se pelo consumo voraz daqueles que não conseguem enxergar essa maravilha que é o planeta “vivo”, nossa Casa.

“A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas”.

Rudolf Steiner

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, IMAGENS E FOTOS

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

RESUMO

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	17
3. OBJETIVOS	19
3.1. OBJETIVO GERAL.....	19
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
4. O CEDEJOR – CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO JOVEM RURAL	20
5. A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ	24
5.1. OS INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ	30
5.2. A UPM – UNIDADE POLÍTICO-METODOLÓGICA.....	37
6. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ	40
7. METODOLOGIA DA PESQUISA	46
7.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	46
7.1.1. Localização da Pesquisa	48
7.2. O CASO DE UM JOVEM EM FORMAÇÃO.....	51
8. RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
10. REFERÊNCIAS	66
11. APÊNDICE I	69

LISTA DE FIGURAS, TABELAS, IMAGENS E FOTOS

1. IMAGEM 1: IMAGEM DE SATÉLITE MOSTRANDO ONDE SE ENCONTRA A LOCALIDADE PAPANDUVA DE CIMA	49
2. MAPA 1: MUNICÍPIOS DO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ.....	50
3. MAPA 2: POSIÇÃO DO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ NO ESTADO DO PARANÁ.....	50
4. TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS DA TURMA 3 (TRÊS) DO CEDEJOR CSP NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ	51
5. FOTO 1: PODA DE PESSEGUEIRO.....	55
6. FOTO 2: PLANTIO DE MORANGUEIRO	55
7. FOTO 3: CONSTRUÇÃO DE PROTEÇÃO DE FONTE.....	55
8. FOTO 4: CONSTRUÇÃO DE PROTEÇÃO DE FONTE.....	55
9. FOTO 5: VISTA PARCIAL DE ÁREA COM MANEJO AGROFLORESTAL	55
10. FOTO 6: MANEJO DE PODAS EM AGROFLORESTA	55
11. FOTO 7: BANHEIRO SECO.....	56
12. FOTO 8: PRODUÇÃO DE COMPOSTAGEM.....	56
13. FOTO 9: PRODUÇÃO DE BIOCALDA.....	56
14. FOTO 10: MATA CILIAR DIVISA DA UFP	57
15. FOTO 11: MUDA DE ERVA-MATE PLANTADA NA MATA CILIAR	57

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CEDEJOR – Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural
CEDEJOR CSP – Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural do Centro-Sul do Paraná
CFR – Casa Familiar Rural
CR – Caderno da Realidade
EFA – Escola Família Agrícola
MFR – Maison Familiale Rurale
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PE – Plano de Estudo
PEJR – Programa Empreendedorismo do Jovem Rural
PJER – Projeto do Jovem Empreendedor Rural
UFP – Unidade Familiar de Produção
UPM – Unidade Político-Metodológica

CARNEIRO, R.R. **Educação ambiental e pedagogia da alternância – o caso de um jovem em formação no Cedejor centro-sul do Paraná.** Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2008.

RESUMO

Neste trabalho se discute o quanto na Pedagogia da Alternância, praticada no Cedejor Centro-Sul do Paraná, a educação ambiental tem um tratamento metodológico próprio, mesmo não sendo assim declarada formalmente pela instituição. Por ser uma metodologia de educação integral para jovens rurais, possui o viés ambiental através da práxis em torno da agroecologia e tecnologias de baixo impacto ambiental e uso renovável de recursos. A partir da Educação Ambiental segundo a Pedagogia da Alternância, as jovens e os jovens passam a incorporar novos ideários ecológicos e a aplicarem conhecimentos ecológicos em suas atividades agropecuárias, bem como muitas famílias desses jovens passam a se convencer de tais benefícios. O estudo de caso exposto neste trabalho mostra o quanto a pedagogia da alternância é uma educação transformadora para o jovem que está em formação quanto para toda a sua família. O estudo reforça que a educação ambiental deve ser tratada em todo e qualquer projeto educacional para que a humanidade possa desenvolver ações que contribuam no desenvolvimento cognitivo de qualquer indivíduo quanto ao zelo pelo meio ambiente e por todas as espécies do nosso planeta Terra.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Agroecologia; Pedagogia da Alternância; Juventude rural.

ABSTRACT

This paper discusses how the Pedagogy of Alternance, practiced CEDEJOR Center in southern Paraná, the environment education has an own methodological treatment, although not formally declared so by institution. As a integral methodology for the education of young rural, has the environmental indication through of practices around the Agroecology (Agriculture ecology) and technologies of low environmental impact and use of renewable resources. From the environmental education in the Pedagogy of Alternance, young women and young man start to incorporate news ecological concepts and implement ecological knowledge in their agricultural activities, and many families of these young people go to convince of such benefits. The case study stated in this work shows how much the Pedagogy of Alternance is a transformer education for the young which is in formation as much as for all their family. The study reinforces that environmental education should be treated in all and any education project so that humanity can develop activities that contribute in the cognitive development of any individual on the zeal for the environment and for all species on our planet earth.

Key-word: environment education; agroecology; pedagogy of alternance; rural youth.

1. INTRODUÇÃO

Há indícios que a humanidade está entrando numa fase de crise mundial sem precedentes, segundo Capra (2002), por uma falta de percepção, de que todas as facetas desta são decorrentes de uma mesma crise: a falta de perceber que tudo está interligado, que há conexão entre todos os problemas da sociedade. Não se pode mais resolver os problemas como eram resolvidos há anos atrás, mas ainda se insi em tentar. Na maioria das vezes, são tentadas medidas unilaterais, numa arcaica visão reducionista.

A natureza está mostrando que não vai mais subsidiar as ações do ser humano. Se está exaurindo todos os recursos que sustentam a vida no planeta e inclusive a dos seres humanos. A humanidade está numa condição que necessita consciência e discernimento. É preciso decidir pela perpetuação da espécie colocando a todos numa situação que é preciso rever as ações e modifica-las, modificando o padrão de produção, distribuição e consumo.

O cenário não é otimista e se pode acabar com toda vida no planeta neste milênio que se iniciou. A espécie humana precisa produzir sua existência de forma a favorecer a vida no planeta e a de todas as outras espécies. Estão esgotando os paradigmas clássicos, que corroboram com uma visão industrialista, predatória, antropocêntrica e desenvolvimentista, não sendo mais possível explicar o que está acontecendo e nem orientar para que as necessidades futuras sejam contempladas. É necessário um outro paradigma fundado numa visão sustentável do planeta Terra. É necessário uma ecopedagogia, uma Pedagogia da Terra, uma re-educação da mulher e do homem para a sustentabilidade (GADOTTI, 2002).

Também outros autores acreditam que é a partir da educação que vai haver transformação na sociedade: Capra (1996) fala em alfabetização ecológica; Paulo Freire (1996) fala em educação que vise a transformação social; e Boff (acessado em: 07 de abril de

2008) acredita que serão necessárias mudanças a partir da educação e que é preciso estar consciente que o sistema que criou a atual crise ecológica, e também social, não necessita apenas de correções, mas de uma educação para a transformação:

(...) Isto implica superar a visão reducionista e mecanicista ainda imperante e assumir a cultura da complexidade. Ela nos permite ver as interrelações do mundo vivo e as ecodependências do ser humano. Tal verificação exige tratar as questões ambientais de forma global e integrada (BOFF, acessado em: 07 de abril de 2008, p.01).

Se não ocorrer uma mudança a humanidade estará acelerando mais um processo de extinção em massa no planeta. Mais uma das muitas crises planetárias que já ocorreram. Isso parece fazer parte da dinâmica de evolução do planeta Terra. As crises ambientais são normais na evolução da vida, mas tem-se que enxergá-la a partir da perspectiva dos 3,9 bilhões de anos que a evolução vem acontecendo (FOLADORI, 2001). Em nível da escala de tempo humana, as transformações no ambiente estão muito rápidas, indicando uma atuação indiscriminada do ser humano, com ações altamente nocivas.

Será preciso atingir um nível de consciência suficiente para se modificar as práticas antes desse cataclismo pré-anunciado. Investir em projetos de educação integral pode ser uma das saídas para minimizar a crise e talvez até atravessá-la, para assim prolongar a permanência da espécie humana no planeta.

O sistema educacional reflete a importância que a humanidade tem dado para a perigosa e equivocada noção da acumulação material ilimitada. A educação voltada somente para a profissionalização tem sido a ênfase nos vários níveis da escolarização formal, seja ela no ensino fundamental, médio ou superior. No entanto a educação deveria ser cada vez mais integral, desenvolvendo aspectos como cidadania, cooperação e consciência ambiental. Na Pedagogia da Alternância desenvolvida no Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR) esses são aspectos que são levados em consideração.

Vivem-se hoje no Brasil muitos problemas sociais e ambientais. Grande parte deles é devido ao inchaço dos grandes centros urbanos que receberam gigantescos volumes migratórios (e ainda recebem) e ao esvaziamento do campo dando lugar a devastação das florestas e ocupação por maquinários pesados, agrotóxicos e pecuária extensiva. O crescente avanço de tecnologias mecatrônicas na agricultura, a concentração fundiária junto com a concentração de renda, a ilusão de que os centros urbanos possuem maior facilidade de desenvolvimento social e a falta de políticas públicas voltadas para a permanência das famílias no campo com qualidade de vida que se entende como oportunidade de trabalho, lazer, esporte, cultura, saúde, educação e infra-estrutura, são os principais fatores dessa dinâmica migratória. (A dimensão espacial do desenvolvimento sustentável, 2008, p. 6)

Ainda hoje, vive-se uma situação calamitante no Brasil. As escolas rurais reproduzem situações indesejáveis: uma, a realidade rural não está presente no contexto da educação, prevalecendo uma transposição da visão urbana para o campo; outra, a nítida opção pela agricultura patronal no modelo de desenvolvimento do país, que é o modelo da elite, exclui a agricultura familiar e ressalta os princípios baseados na utilização de sementes híbridas, agrotóxicos e maquinário pesado (CHEQUETO, Acessado em: 25 de março de 2008).

Muitos jovens agricultores familiares estão migrando do meio rural na ilusão de conseguirem melhores condições nos grandes centros urbanos. Eles são pressionados a isso devido às condições infanto-juvenis do campo construídas na história do Brasil, que serão pontuados a seguir: (a) desde a infância, quando ingressam no ensino fundamental são massacrados ideologicamente por livros didáticos que estão fora de suas realidades, que foram concebidos padronizadamente considerando homogêneos os estudantes das cidades e do campo que deles vão desfrutar; (b) como reflexo de muitos setores da sociedade, os meios de comunicação de massa, por sua vez, também ressaltam o urbano como sendo melhor, mais desenvolvido, caminho para o progresso e historicamente mistificam o rural como atrasado,

inferior e arcaico; (c) a pressão que os jovens rurais recebem em casa e em suas localidades para deixarem o campo é grande. Tanto seus pais, como vizinhos e parentes possuem no imaginário já dominado pelo sistema hegemônico a noção paradigmática de que seus filhos têm que tentar ser “alguém” na vida. E que ser “alguém” significa ir para a cidade. Chegam a comentar que não devam ficar na “roça” como seus pais que não estudaram. Que o cabo da enxada é para quem não estudou; (d) sobretudo, os jovens são considerados como mão-de-obra na família. Na sua grande maioria não possuem uma atividade de geração de renda na Unidade Familiar de Produção (UFP), portanto não possuem autonomia financeira que supra suas necessidades. Principalmente por força patriarcal não conseguem condições suficientes para possuí-la, ainda enquanto jovem e solteiro. A não ser por condições extremas como arrimo de família ou outra situação semelhante.

Tudo isso foi acarretado pelo fato do rural não ter sido considerado pela sociedade como tendo uma dinâmica e como um povo que se mobiliza, como sendo fadado a desaparecer. E agravado pela falta, principalmente de políticas públicas por uma educação do campo que levem em consideração seus atores e suas realidades, que valorize o agricultor familiar e o camponês como categoria social (ARROYO *et al*, 2004) e que necessita de uma formação continuada.

A proposta da Pedagogia da Alternância no CEDEJOR vai ao encontro dessa necessidade de formação continuada para agricultores familiares. Leva em consideração a necessidade de uma formação que desperte no jovem rural a consciência ambiental pela apreensão de conteúdos ligados aos princípios e conceitos de ecologia e pela prática de cultivos e manejo animal ecológicos. Ao que tudo indica essa afirmação realmente tem fundamento. Mas será que realmente a Pedagogia da Alternância que é desenvolvida no CEDEJOR, supre a deficiência em Educação Ambiental dos jovens rurais ou é eficiente para educar ambientalmente esses jovens? Os jovens em formação passam a utilizar práticas

ecológicas em suas atividades produtivas a partir da formação no CEDEJOR? Há a necessidade de uma Educação Ambiental declarada na Pedagogia da Alternância? Na Pedagogia da Alternância que é praticada no CEDEJOR está inserido no contexto formativo-educativo o viés ambiental? É preciso isso ser explicitado pela instituição ou a Educação Ambiental deveria perpassar todo e qualquer projeto educacional?

Será preciso reverter o êxodo rural, favorecer um êxodo urbano, tornando o campo mais atrativo com investimento em trabalho, educação e tudo necessário para uma qualidade de vida digna de qualquer ser humano. De acordo com Ignacy Sachs (*apud* A dimensão espacial do desenvolvimento sustentável, 2008, p. 6), os esforços para a criação de postos de trabalho no campo, agrícolas ou não-agrícolas, não devem ser medidos. Será preciso desde agora deslocar o crescimento e desenvolvimento dos grandes centros urbanos, seja pela descentralização do potencial de industrialização, pelo investimento no desenvolvimento de tecnologias voltadas para a instalação de indústrias de transformação de biomassa fora desses centros urbanos, pelo investimento em projetos de agricultura baseadas em princípios ecológicos e agroflorestais. Por outro lado, deve-se intensificar o controle para evitar as ocupações irregulares nas regiões metropolitanas e investir em políticas públicas sociais e econômicas privilegiando o desenvolvimento de todas as regiões, ampliando suas infraestruturas produtivas e a qualidade de vida.

Todas as soluções pensadas devem ser concebidas a partir de investimento em educação. Para que qualquer projeto sistêmico de desenvolvimento rural se desenvolva, é urgente e necessário um investimento do Estado em educação integral de qualidade para crianças e a juventude rural, que inclua uma educação para o empreendedorismo, que seja transformadora e que resgate valores morais e ética ambiental. Talvez podendo considerar essa ação, anterior a qualquer outra, de extrema importância para a manutenção dos jovens no meio rural. Para que eles próprios, através de novos ideários sociais e ecológicos, sejam

protagonistas das mudanças que querem ver no campo, numa tentativa de solucionar, ou pelo menos amenizar, os problemas sócio-ambientais de nosso tempo a médio e longo prazo e assim termos mais esperança quanto ao futuro e quanto à superação da crise sem precedentes que estamos por presenciar.

*"Desde que me cansei de procurar,
aprendi a encontrar;
Desde que o vento começou a soprar-me na face,
velejo com todos os ventos."
Friedrich Nietzsche*

2. JUSTIFICATIVA

No ensino formal “convencional” dificilmente se encontra uma educação que proporcione ao jovem ter autonomia, alta auto-estima, ser criativo, perseverante e consciente, principalmente consciente ambientalmente. Pelo contrário, o sistema educacional vigente geralmente propõe uma prática coercitiva, que inibe a iniciativa e o poder de decisão do indivíduo desde a infância. De acordo com Freire (1996), a autonomia não é algo que se adquire quando se completa uma determinada idade. Não tem hora marcada. É um processo de tomadas de decisões que ocorre ao longo de várias experiências durante a vida. A educadora ou o educador e o próprio processo de educação deva levar em consideração esse aspecto.

Há uma carência de políticas públicas educacionais para o desenvolvimento do jovem rural. Falta geração de oportunidades para esses jovens se desenvolverem, principalmente educação de qualidade e voltada para as suas condições, que contemple sua realidade, que instigue e que dê prazer em aprender.

Numa condição de educação de acordo com a realidade do jovem, estimulando a criatividade e a autonomia, este indivíduo desenvolve-se de forma integral. A Pedagogia da Alternância é uma metodologia pedagógica que contempla o desenvolvimento integral do jovem rural. Através desse processo de formação o jovem passa a fazer a diferença em sua localidade e aonde começa a atuar. Passa a ter mais sensibilidade por questões sociais e ambientais. Começa a utilizar e difundir práticas ecológicas de cultivo e manejo animal e a utilizar tecnologias de baixo impacto ambiental e uso de recursos renováveis.

Todas as pessoas devem ser educadas ambientalmente num processo constante durante toda vida. Ao longo do desenvolvimento biopsico-social, no processo cognitivo, a educação

ambiental deveria fazer parte como algo que se transfere de geração em geração, como algo natural e intrínseco ao desenvolvimento do indivíduo. As vivências no decorrer da vida de cada um de nós deveriam trilhar um caminho de conscientização ambiental, no entanto isso não ocorre. É-se constantemente levado a crer que tudo no planeta deve ser utilizado ao bel prazer. Que os seres humanos são superiores aos quais todas as outras espécies estão subordinadas.

A Pedagogia da Alternância tenta suprir essa deficiência, trazendo ao indivíduo um condicionamento mais crítico e o desenvolvimento de faculdades que possibilitam avaliar em sua realidade as fraquezas e ameaças existentes e as possíveis soluções, como também perceber as fortalezas e oportunidades que permitem o desenvolvimento e assim contribuir de forma mais incisiva.

A Pedagogia da Alternância é um método de ensino-aprendizagem que ao desenvolver integralmente o indivíduo ampliando sua visão de mundo, está desenvolvendo também sensibilidade ética por questões ambientais e atitudes ambientalmente corretas, principalmente o interesse por tecnologias brandas que minimizam impactos ambientais ou que não agredem o ambiente.

Isso posto, justifica-se a presente monografia que teve como foco da investigação a contribuição da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento da consciência ambiental de um jovem rural em formação no Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural do Centro-Sul do Paraná (CEDEJOR CSP) e sua família, mostrado através da incorporação de práticas ecológicas de cultivo e manejo animal em sua Unidade Familiar de Produção (UFP).

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Discutir a Pedagogia da Alternância como um método de educação integral que leva em consideração o componente ambiental no processo formativo do indivíduo.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir a Pedagogia da Alternância exercida no CEDEJOR CSP, que trabalha a formação no eixo técnico a partir da perspectiva da agroecologia;

Expor a condição de incorporação de novos ideários e grande potencial de transformação que o jovem rural tem quando estimulado;

Expor algumas aplicações práticas da agroecologia efetuadas por um jovem em formação no CEDEJOR CSP e transformações em sua família quanto à aceitação dessas mudanças.

*“Se planejamos para um ano, plantamos arroz.
Se planejamos para dez anos, plantamos árvores.
Se planejamos para cem anos, preparamos pessoas.”*
Ditado Chinês

4. O CEDEJOR - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO JOVEM RURAL

O CEDEJOR é uma associação civil sem fins lucrativos, reconhecida como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). É a única experiência com a Pedagogia da Alternância em ensino não-formal que existe no Brasil. Nasceu da iniciativa privada e ainda, sete anos após sua fundação, são financiados 85% (oitenta e cinco por cento) dos seus recursos pelo Instituto Souza Cruz. Mas hoje com uma relação contratual que permite a busca de apoio através de outras fontes financiadoras, para promover uma desvinculação gradativa. O Instituto Souza Cruz recebe recursos de responsabilidade social da Souza Cruz S/A, que repassa uma porcentagem ao CEDEJOR. Tanto o Instituto Souza Cruz quanto o CEDEJOR não tem vínculos diretos com os interesses mercadológicos da Souza Cruz S/A, permitindo-lhes total liberdade nas escolhas das ações, não tendo nada que impeça isso juridicamente.

Com atuação nos estados do Sul do Brasil, o CEDEJOR está localizado em três territórios: Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul (Núcleo situado no município de Rio Pardo); Encostas da Serra Geral, em Santa Catarina (Núcleo situado no município de Lauro Muller); e Centro-sul do Paraná (Núcleo situado no município de Guamiranga).

O presente trabalho foi desenvolvido no contexto do CEDEJOR CSP, sediado no município de Guamiranga, que se encontra no segundo planalto paranaense, na bacia do Rio Ivaí. Está localizado nas coordenadas geográficas: 25° 18' 85, 39'' S e 50° 81' 25, 02'' W.

O trabalho do CEDEJOR é focado na formação de jovens rurais que a partir de uma ampliação da visão de mundo passam a compor e construir redes de relações através de novos empreendimentos em territórios rurais, devendo até extrapolar esse espaço. Entendendo empreendimentos como sendo, além de oportunidades de trabalho, também cooperativismo,

associativismo e outras iniciativas solidárias que contribuam para melhorar o capital social, a equidade e a qualidade de vida nos espaços-cenários de atuação desses jovens rurais onde vislumbram a construção de suas vidas.

A Pedagogia da Alternância é a metodologia utilizada no CEDEJOR. São vinte e duas semanas presenciais em regime de internato, onde ocorrem atividades conceituais e práticas, alternadas com períodos de três semanas em que os jovens e as jovens permanecem junto à sua família, em atividades que contemplem a investigação e atuação em suas UFP's e localidades. Nestes períodos, as famílias dos jovens são visitadas pelos educadores. Na metodologia é utilizado um cabedal de instrumentos pedagógicos próprios para se trabalhar a partir da realidade de cada jovem, que serão retomados no capítulo seguinte. Instrumentos estes que permitem facilitar o trânsito de aspectos da realidade do jovem e sua formação em atividades presenciais, bem como aprendizados que tomam dimensões maiores em suas comunidades e UFP's.

No CEDEJOR, freqüentam, na grande maioria, jovens que já concluíram o ensino médio e que querem continuar sua formação sem precisarem abandonar o campo, a prática da agricultura e a vida que são acostumados a levar.

Os principais objetivos do CEDEJOR são a formação dos jovens rurais e a contribuição para o desenvolvimento dos territórios rurais. Através da formação busca evitar a evasão de jovens desses territórios, promovendo a permanência com qualidade de vida. O CEDEJOR acredita no jovem rural e investe para criar oportunidades para que esse jovem que recebeu formação possa atuar contribuindo com o desenvolvimento sustentável de seu território. Acredita no enorme potencial que tem o jovem para inovar e transformar a realidade.

A mobilização dos atores sociais dos territórios em torno da problemática da evasão de jovens dos espaços rurais é uma das bandeiras levantadas pelo CEDEJOR. Acredita na

articulação com esses atores para a realização de ações concretas que contribuam para a sua resolução.

Tem como foco a formação integral de jovens rurais, filhas e filhos de agricultoras e agricultores familiares. Para isso, o CEDEJOR trabalha as habilidades consideradas “pilares da educação para o século XXI”, aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer que no futuro vão se transformar em competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas, utilizando de forma integrada e transversal, três eixos fundamentais: i) eixo humano: formação para valores que estimule a cidadania e o protagonismo juvenil visando à resolução de problemas coletivos, especialmente aqueles referentes às questões ambientais e sócio-econômicas; ii) eixo técnico: abordagens de conceitos e métodos fundamentais para a avaliação das práticas atuais e para a construção e viabilização de empreendimentos agrícolas e não-agrícolas que contribuam para a valorização dos territórios rurais; iii) eixo gerencial: noções de gestão, com ênfase em visão estratégica, aplicáveis à agricultura familiar e a pequenos empreendimentos e projetos sociais no espaço rural (OLIVEIRA, 2008, no prelo).

O CEDEJOR pretende ser um apoio para o jovem, onde sua atuação no território se fortaleça através de sua institucionalização. Com uma instituição que apóia e dá visibilidade e respeito às ações realizadas pelos jovens, tende a facilitar suas ações, respaldá-las e a angariar mais facilmente parcerias. Pelos diversos atores dos vários municípios dos territórios passam a ser reconhecidos como Jovem do CEDEJOR e com isso acabam sendo demandados por esses atores, por lhes reconhecerem como tendo maiores capacidades e faculdades.

A partir do término do período de vinte e duas alternâncias a continuidade da formação é fomentada através do engajamento das jovens e dos jovens rurais em ações efetivas de desenvolvimento sustentável dos territórios em que habitam (OLIVEIRA, 2008,

no prelo). É preciso criar condições propícias para que o jovem possa atuar como agente de desenvolvimento rural e assim praticar e continuar sua formação em ações concretas.

“O problema não é inventar.
É ser inventado hora após hora e
nunca ficar pronta nossa edição convincente.”
Carlos Drummond de Andrade

5. A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ

A Pedagogia da Alternância no CEDEJOR está em construção, num processo, assim como a própria instituição. Vem sendo construída a partir de referências no Brasil com a experiência de outras organizações como as Casas Familiares Rurais (CFR's) e as Escolas Famílias Agrícolas (EFA's), através de consultores advindos dessas realidades terem contribuído durante sua história de construção, bem como referências na literatura. Segundo Oliveira (2008, no prelo), essas organizações constituíram um importante acervo de referências e este legado foi fundamental para criação do CEDEJOR.

Para entender a complexidade da formação em alternância é preciso conhecer o histórico em que ela surgiu. A CFR foi a primeira experiência. Surgiu no ano de 1935 na França, onde são chamadas de Maisons Familiales Rurales (MFR's). Foi num contexto histórico de crise na agricultura e a educação formal estava voltada para um contexto urbano. A insatisfação dos agricultores e seus filhos com o sistema educacional foi o estopim (ESTEVAM, 2003).

É preciso destacar que o momento histórico em que atravessava a França da década de 1930, era um período entre as duas guerras mundiais. A situação física e econômica era trágica e estava em processo de reconstrução, havia desinteresse do Estado pelos pequenos agricultores, que eram maioria da população. Juntando a isso, ocorriam problemas relacionados à juventude rural, que não tinham educação apropriada, eram obrigados a largar o campo se quisessem continuar os estudos e eram indispensáveis como mão-de-obra para a sobrevivência das famílias no campo (SILVA, 2000 *apud* ESTEVAM, 2003).

De acordo com Gimonet (2007), os atores responsáveis pela fundação da primeira MFR e pelo surgimento da formação em alternância não tinham nenhum passado institucional

e conhecimento sobre inovações pedagógicas. Não sabiam o que iam criar, pois não existia nada parecido. Entretanto, tinham como base conceitual e ideológica o sindicalismo e o movimento cristão de ação social da época. Utilizavam os ensinamentos condizentes com a realidade local e atuavam como atores engajados na luta social, desenvolvimento pessoal e do lugar onde viviam. “Estavam impregnados de preocupação pelo futuro de seus filhos, de sua profissão, da agricultura, da vida rural” (GIMONET, 2007, p. 22).

Para Gimonet (2007), foram quatro fatores importantes que favoreceu o surgimento da formação em alternância naquela época: (a) alguns adolescentes não mais queriam ir para a escola secundária; (b) o que proporiam a esses adolescentes para continuar os estudos; (c) a figura do pároco do povoado chamado Sérignac-Peboudou, em Lot-et-Garone, no sudoeste francês (onde tudo começou), o padre Grannereau, que foi quem fez o trabalho inicial com cinco jovens que ficavam uma semana em internato nas dependências da igreja recebendo conteúdos teóricos e três semanas em suas propriedades realizando trabalhos práticos (ESTEVAM, 2003); (d) a solução encontrada, que foi permitir que os adolescentes aprendessem os ensinamentos da escola, mas que também aprendessem o da vida cotidiana, através de uma alternância de períodos entre o ambiente familiar e o da escola.

Para Gimonet (2007), “foi na simplicidade do cotidiano que nasceu a pedagogia da complexidade” (2007, p. 22), como também é chamada a Pedagogia da Alternância.

Parece que foi simples, mas esse resultado de uma nova pedagogia e o surgimento da primeira MFR foi resultado de um longo processo de discussão e reflexão (MFR, 2001a *apud* ESTEVAM, 2003). Somente em aparência foi simples, pois atrás desse surgimento da formação em alternância se escondem processos bem complexos (GIMONET, 2007).

Gimonet (2007) conclui com relação ao surgimento e histórico de construção dos conceitos e metodologia da Pedagogia da Alternância:

“O processo de criação da Pedagogia da Alternância esteve coerente com o seu objetivo. Os agricultores inventores e seus porta-vozes pedagógicos não se basearam em teorias ou conceitos para colocá-los em prática de maneira dedutiva. Não, eles perceberam, escutaram e se conscientizaram dos problemas, das necessidades. Questionara-se, formularam hipóteses e têm enunciado soluções... Em seguida, inventaram, realizaram, agiram, implementaram, arriscaram. Uma vez engajada a ação, observaram, escutaram, olharam as práticas. Analisaram, destacaram os componentes do sistema e os fatores de êxito e de fracasso... Disto tudo extraíram idéias, pensamentos, saberes e conhecimento, mesmo que fossem empíricos... Confrontaram com outros, diferentes, para atingir outros saberes, outros conhecimentos mais amplos no campo das ciências educativas... Para entender melhor, agir melhor a fim de prestar um serviço educativo, responder às necessidades, contribuir para o desenvolvimento das pessoas e do meio rural.

Esta caminhada criativa tornou-se uma *ação – pesquisa-formação* permanente. Uma caminhada feita de tentativas e de ensaios, de empirismo e de reflexões, de desordem e ordem, de informação e formação, de estruturas e de organizações para existir, firmar-se, chegar, gerir suas dependências, ganhar em autonomia, ser si mesmo e solidário (...)” (GIMONET, 2007, p. 27).

Depois da consolidação das MFR's na França ocorreu uma internacionalização do movimento. Primeiramente na Itália, sendo inclusive adaptada, como o caso da alternância de 15 dias em internato e 15 dias na propriedade, que passou a ser utilizada (ESTEVAM, 2003). Além também da modificação na nomenclatura, chamando-se de “Escola Família Rural” ou simplesmente “Escola Família” (NOGUEIRA, 1999 *apud* ESTEVAM, 2003). Posteriormente surgiram experiências na Espanha, em 1966 e em Portugal no ano de 1984 (ESTEVAM, 2003).

A formação em alternância chega ao Brasil na experiência das EFA's, na década de 1960, através de um padre com objetivo de realizar um trabalho pastoral e social no Estado do Espírito Santo. Já de conhecimento da experiência italiana, o pároco vê a possibilidade de uma adaptação. Iniciou uma discussão com agricultores e a comunidade em geral, surgindo assim a primeira experiência no ano de 1968 (ESTEVAM, 2003).

Dando suporte a criação da primeira EFA e em seguida, de outras, no mesmo ano foi criado o Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo (MEPES), uma entidade representativa dos agricultores da região, para promoção social, voltada às ações na área de educação, saúde e movimento comunitário do meio rural daquele Estado (NOGUEIRA, 1999 *apud* ESTEVAM, 2003). Isto mostra o quão intensamente a Pedagogia da Alternância tem

envolvimento com processos de transformação e luta social, por se tratar de uma prática pedagógica que leva em consideração a realidade local e o indivíduo “comum” como sujeito e detentor de conhecimentos. E principalmente demonstra o quão é replicável e adaptável a um leque grande de realidades distintas.

No Brasil, as CFR's são consideradas um segundo movimento de formação em alternância, que teve início na década de 1980, nascendo totalmente desvinculadas das EFA's, mas diretamente ao movimento internacional das MFR's (ESTEVAM, 2003).

O interesse da implantação das CFR's no Brasil aconteceu devido a uma viagem de técnicos brasileiros ligados ao Ministério da Educação e Secretarias Estaduais de Educação, à França em 1979. Entraram em contato com as experiências das MFR's, despertando interesse do grupo. As primeiras investidas aconteceram na região nordeste, devido aos primeiros contatos terem sido feitos por pessoas ligadas à Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que desenvolvia muitos programas em educação na década de 1980 (SILVA, 2000 *apud* ESTEVAM, 2003).

De acordo com seu processo histórico de construção conceitual e metodológica, a Pedagogia da Alternância tem sido utilizada como um dos instrumentos de luta dos povos do campo através de movimentos e organizações, contra a concentração de terra, a opressão e o massacre ideológico da elite (QUEIROZ, 2002).

Sendo assim, é utilizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). “Ela permite uma troca de conhecimentos e o fortalecimento dos laços familiares e do vínculo dos educandos com o assentamento ou acampamento, o MST e a terra” (CALDART, 2004, p. 104-105).

A Pedagogia da Alternância vai ao encontro de uma contraposição ao modelo educacional vigente, ao modelo tradicional e elitizado. Por isso talvez, as organizações da

sociedade civil, politizadas e combativas, e os movimentos social se identificaram com seus conceitos, sua metodologia e ideologia.

A Pedagogia da Alternância é uma das formas metodológicas na educação para a humanidade atingir a consciência planetária. “(...) abertura de novos caminhos planetários, democráticos e solidários” para que “o menor gesto da vida quotidiana provoque um alargamento do campo da consciência responsável”. Atuar numa “reeducação do olhar, do coração e dos sentidos” (GADOTTI, 2005 *apud* GIMONET, 2007, p. 160).

No CEDEJOR, as atividades desenvolvidas com os jovens são orientadas por uma Unidade Político-Metodológica (UPM) onde se encontram propostas de conteúdos que deverão ser abordados durante as vinte e duas alternâncias. A UPM funciona como um plano político-pedagógico que é um conjunto de diretrizes metodológicas e ideológicas que direcionam o trabalho da equipe com a formação dos jovens. Segundo a Unidade Político-Metodológica (2007, p. 4) são abordados os aspectos relevantes para a formação integral de jovens rurais, com vistas ao empreendedorismo e à promoção de desenvolvimento sustentável de territórios rurais. No tópico 5.2 será feita abordagem sobre a UPM.

Segundo Oliveira (2008, no prelo), o CEDEJOR foi criado no ano 2001 em torno dos debates sobre o PEJR:

(...) O PEJR, elaborado em 2000, evoluiu desde então sistematizando referências pedagógicas em educação do campo, com o objetivo de multiplicar soluções criativas direcionadas à causa e à realidade local das diversas juventudes rurais (OLIVEIRA, 2008, no prelo, p. 27).

O CEDEJOR é uma organização autônoma, que aplica o PEJR de forma particular, criando e acrescentando metodologias, conceitos e princípios nas suas abordagens. É o caso da agroecologia, que não é citada na UPM, mas é tratada na formação dos jovens.

Segundo Oliveira (2008, no prelo), um importante elemento e complementar à formação é o PJER, que apresentam ao final da formação. É importante por ser algo concreto,

indica a aprendizagem ao longo do processo e é uma via de aplicação de tudo que aprendem de conteúdos desde o início da formação. Será abordado a seguir, no tópico 5.1.

Na metodologia, que é usada no CEDEJOR CSP, são acrescentadas outras correntes pedagógicas que são incorporadas à medida que os educadores vão influenciando de acordo com as suas experiências.

É o caso da pedagogia Waldorf, que trata da essência do ser humano nas fases de desenvolvimento consideradas em setênios. Por influência dessa corrente, passamos a considerar que o respeito e o processo de aprendizagem dos jovens se dão pela admiração pelo educador, sejam eles pais ou professores, pois a fase em que se encontram os jovens das turmas em formação se concentra no terceiro setênio – dos quatorze aos vinte e um anos – que está calcado nessa premissa. Segundo Lanz (1998), a partir das transformações dos quatorze anos o educador vale pelo que realmente é, intelectual e moralmente. É uma desilusão constatar que não são, na realidade, o que acreditavam que fossem. Mas os jovens querem a honestidade e a verdade, mesmo que isso acarrete em decepção. “Eles querem que o mundo seja verdadeiro” (LANZ, 1998, p. 59).

Há a influência da pedagogia Freinet. Segundo Sampaio (1989), Freinet percebeu certas insuficiências e então organizou “instruções mais exatas” (1989, p. 80), que são princípios que chamou de Invariantes Pedagógicas, assim, querendo “estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso” (1989, p. 80). São referenciadas algumas Invariantes de Freinet na prática pedagógica dos educadores do CEDEJOR CSP.

Também se considera relevante a influência da Pedagogia de Projetos. Tudo na vida é projeto, desde quando se acorda se está “projetando” o que fazer durante o dia. A resolução de problemas é uma ótima forma didática de ensino-aprendizagem, favorece o coletivo, por envolver a todos, formam sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes, favorece a

responsabilidade e a autonomia por envolver numa co-responsabilidade pelo trabalho e pelas escolhas ao longo do desenvolvimento do projeto (HERNÁNDES, 1998 *apud* JARDIM et al, 2003). Ao longo do processo de formação no CEDEJOR CSP são propostos vários pequenos projetos para elaborarem tanto em conjunto quanto individualmente, mas sempre socializando os resultados. E até o final da formação são conduzidos a elaborarem um projeto de vida, o chamado PJER.

5.1. OS INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ

No processo de formação no CEDEJOR são utilizados os instrumentos da Pedagogia da Alternância de forma peculiar por se tratar de ensino não-formal, pois não existem às disciplinas curriculares e sim temas a serem tratados em atividades educativas durante as vinte e duas alternâncias. Também adaptadas nomenclaturas distintas das usualmente utilizadas, se tratando de um hábito que está sendo revisto para se tomar o uso correto da nomenclatura.

Os instrumentos pedagógicos utilizados pelo CEDEJOR CSP são: Visita de Acompanhamento às Famílias, Visita Diagnóstico-Participativa, Caderno da Realidade, Caderno de Campo, Caderno de Acompanhamento da Alternância, Plano de Estudo, Socialização do Plano de Estudo, Visitas e Viagens Técnicas, Tutoria, Estágios, Colaboração Externa, Serão de Estudo (antes chamado de Atividade Noturna), Projeto Profissional do Jovem que no CEDEJOR é chamado de Projeto do Jovem Empreendedor Rural (PJER). Vale destacar que todos esses instrumentos são usados articulados da melhor forma, para favorecer o processo de formação e aprendizagem dos jovens, tratando conceitos e princípios a partir de suas realidades. Na essência desses instrumentos está o fluxo de conhecimentos da realidade

dos jovens e conhecimentos científicos entre o processo de ensino-aprendizagem e o meio sócio-profissional onde estão inseridos.

A seguir será abordado cada um dos instrumentos da Pedagogia da Alternância utilizados no CEDEJOR CSP:

(a) Caderno da Realidade (CR): é onde a jovem e o jovem registra e anota conteúdos, mas principalmente seus questionamentos, suas dúvidas, suas reflexões, os estudos e aprofundamentos. O PE provoca reflexões e ações que devem ser sistematizadas de forma racional no CR. Esse instrumento tem o objetivo de possuir de forma ordenada boa parte das experiências educativas acontecidas no CEDEJOR. É através dele que os educadores mantêm os pais informados dos acontecimentos relativos à jovem ou ao jovem, à turma e ao próprio CEDEJOR, podendo assim participar da formação, inclusive discutindo sobre os conteúdos técnicos, humanos e gerenciais registrados no CR. Este material acompanha a jovem e o jovem dentro e fora do CEDEJOR;

(b) Visita de Acompanhamento às Famílias: no CEDEJOR é comumente chamada de Visita às Famílias. Quando a jovem e o jovem estão em seu meio sócio-profissional, recebem a visita dos educadores. O grande objetivo desse momento é estar sempre atento se não estão desanimados, entusiasmar a jovem ou o jovem e seus familiares, para perceberem as vantagens e a importância da formação no CEDEJOR, também trocar experiências e diálogos sobre questões diversas e técnicas agropecuárias, ligadas diretamente ao meio sócio-profissional desses jovens. A Visita às Famílias é mais um instrumento para integrar os espaços e os tempos diferentes – o CEDEJOR e o meio sócio-profissional, mas principalmente para o educador ter contato com a realidade de cada jovem. Essas visitas são devidamente planejadas e realizadas a cada dois meses, objetivando: conhecer a jovem e o jovem e suas realidades para se interar e aprofundar nos problemas de ordem sócio-econômica e suas relações com a jovem e o jovem, tanto no âmbito comportamental quando no âmbito

das capacidades de aprendizagem; acompanhar as pesquisas do PE, o CR, as leituras, as atividades de retorno, as experiências e práticas das jovens e dos jovens; conscientizar as famílias sobre o incisivo papel na formação dos filhos e co-atores da alternância bem como da importância da participação no CEDEJOR através do Conselho Comunitário; e também permite uma avaliação de todo o processo educativo do CEDEJOR: pedagógico, humano, social, comunitário, técnico, profissional, gerencial e ético;

(c) Visita Diagnóstico-Participativa: em determinado momento no início da formação, quando as jovens e os jovens estão mais próximos afetivamente dos educadores, por volta da sexta alternância, uma visita de acompanhamento às famílias ganha outro caráter. É uma visita complementar ao diagnóstico que as próprias jovens e os jovens começam a partir do PE na primeira alternância. Essa visita chamada Diagnóstico-Participativa possui o caráter de: melhorar a aproximação com as famílias, construindo um vínculo de maior confiabilidade, um contato mais aproximado; conhecer de forma mais detalhada a UFP das jovens e dos jovens, o manejo das atividades de produção utilizadas e a forma como são administradas; perceber a atuação das jovens e dos jovens na UFP, seus conhecimentos sobre a mesma, as relações familiares, sua capacidade de decisão, sua autonomia, e o posicionamento de todos frente a essas questões; estimular a jovem e o jovem e suas famílias a perceberem o potencial da UFP conversando sobre os pontos fortes e fracos. Conversar sobre a habilidade dos familiares, da jovem ou do jovem, e sobre o que pensa e gostaria de desenvolver; conversar sobre a demanda de cada família, trazendo para o Planejamento das semanas presenciais no CEDEJOR; esclarecer dúvidas ainda existentes sobre o CEDEJOR como Instituição e também sua metodologia.

As estratégias utilizadas nessa visita são: primeiramente, andar por toda a UFP, conversando sobre o manejo praticado para as culturas e criações, preenchendo o Marco Zero (levantamento sócio-econômico da UFP). Na sequência, entrega-se à jovem ou ao jovem uma

cartolina e canetas hidrocor, solicitando o desenho do croqui da UFP. Faz-se uma reflexão a partir do croqui, considerando as peculiaridades de cada jovem, a situação e demanda que aparecer em cada família.

Os parâmetros de observação utilizados durante a visita são: atuação da jovem ou do jovem na UFP – postura na família, na hora de fazer o croqui, na divisão das tarefas, se tem autonomia, suas dificuldades, questões pessoais; postura dos pais; se são envolvidos socialmente; como a jovem ou o jovem e suas famílias vêem a agroecologia e questões ambientais; se se preocupam com a gestão da UFP e seu manejo em geral; se possuem diversificação da UFP; as características de agricultura familiar e estratégias de reprodução usadas pela família; características de multifuncionalidade e pluriatividade;

(d) Serão de Estudo: no CEDEJOR era chamado de Atividade Noturna. O Serão não é um instrumento pedagógico, mas uma atividade complementar, devido ao internato as jovens e os jovens pernoitam necessitando que tenham atividade no período noturno. São atividade mais lúdicas, menos cansativas, são tratados vários assuntos ligados à turma, à formação, ou outros assuntos que surgem durante a semana presencial ou fora delas que despertam interesses e curiosidades;

(e) Caderno de Acompanhamento da Alternância: existe um desses cadernos para cada turma e se encontra arquivado no Núcleo do CEDEJOR. É onde são registradas as impressões e aprendizados da turma a partir da perspectiva de um coletivo de jovens selecionado ao início da semana presencial. Permite consolidar aprendizados, serve como uma memória da semana e também serve para os educadores lançarem um olhar sobre o aprendizado das jovens e dos jovens a partir deles próprios;

(f) Plano de Estudo (PE): é uma pesquisa relacionada a um tema da realidade de cada jovem (aspectos econômicos, sociais, políticos, religiosos, culturais, geográficos e edafo-climáticos) escolhido previamente. Os próprios jovens participam da elaboração do roteiro da

pesquisa e a realização desta é feita durante o período em que estão em seu meio sócio-profissional. A sistematização da mesma ocorre na semana presencial seguinte, com ajuda dos educadores. O PE deve ser desenvolvido durante o período sócio-profissional, quando estão em casa, com a ajuda da família, lideranças da comunidade ou profissionais do meio. A sequência do PE se dá na semana presencial seguinte quando acontece a Socialização do Plano de Estudo (está abordado no próximo tópico), de acordo com o planejamento dessas semanas. O PE é o instrumento pedagógico condutor do processo de formação, onde se observa o valor das famílias e das comunidades, é a partir dele que os conteúdos são desenvolvidos na semana presencial, ou seja, a educação no CEDEJOR segue a realidade onde as jovens e os jovens estão inseridos;

(g) Socialização do Plano de Estudo: também chamada de Colocação em Comum, é uma estratégia, dinâmica e participativa, de socialização da pesquisa do PE, ocorrendo debates, problematizações, perguntas e síntese do conhecimento de cada jovem para conhecimento do grupo e formulação de um entendimento coletivo sobre o assunto. É neste momento que as jovens e os jovens conseguem expor seus problemas, suas dificuldades, os anseios e as soluções. Neste momento não se pode esquecer nenhum detalhe, tudo deve ser discutido, analisado e compartilhado. Essa metodologia depende muito das possibilidades de cada tema e do domínio sobre o assunto e criatividade dos educadores. Devem-se utilizar técnicas para motivar as jovens e os jovens e tornar sempre significativo o tema em questão. Pode-se usar de vários artifícios para esta prática como teatro, desenhos;

(h) Visitas e Viagens Técnicas: são atividades que proporcionam o acesso a outras iniciativas e empreendimentos e possibilitam às jovens e aos jovens o conhecimento de outras realidades e novas práticas. As visitas e viagens técnicas têm o objetivo de ampliar a experiência pessoal e favorecer o reconhecimento das formas de aplicação do conhecimento construído em alternância. São fundamentais para orientar as discussões e atividades no

CEDEJOR e nas famílias, por isso precisam estar relacionadas aos temas estudados, aos projetos dos jovens e às atividades produtivas das UFP;

(i) Caderno de Campo: é um caderno de registro, de anotação. Utilizado principalmente durante as atividades fora do CEDEJOR, extra-formação. Mas também muito utilizado nas Visitas e Viagens Técnicas;

(j) Colaboração Externa: acontecem como meios de aprofundamento dos temas do PE após a Socialização ou Colocação em Comum. Essa prática ainda está em aprimoramento no CEDEJOR. Mas o eixo da formação são os temas do PE contextualizados, a partir da realidade de cada jovem, que dão o verdadeiro sentido aos conteúdos estudados. As atividades educativas só devem acontecer a partir da síntese do PE, após a Colocação em Comum. Para a realização das colaborações externas conta-se com pessoas e entidades públicas e privadas que colaboram voluntariamente com este processo educativo através de convênios e parcerias informais. Essas colaborações acontecem em horário de atividade, já que tem objetivo de completar o tema do PE;

(l) Tutoria: é uma das formas de acompanhar pessoalmente as atividades de pesquisas, os exercícios, as vivências e experiências das jovens e dos jovens no meio sócio-profissional. A tutoria é uma das ferramentas importantes que contribui no processo de formação integral no CEDEJOR. Na chegada das jovens e dos jovens no CEDEJOR para a semana presencial, cada educador se torna responsável em acompanhar um grupo de jovens, onde cada um deles tem a oportunidade de tirar dúvidas sobre o processo educativo da Pedagogia da Alternância;

(m) Estágios: são objetivados ao aprofundamento de conhecimentos e experiências relativas à atividade produtiva familiar ou aos PJER em elaboração. A convivência em ambientes já organizados, onde estão implementadas práticas sociais e produtivas, com conhecimentos necessários para a comparação entre o efetivamente praticado nas UFPs e os

projetos, são fundamentais para a tomada de decisões e a compreensão do processo, uma vez que propiciam a visão do todo, tanto no que se refere às facilidades quanto às dificuldades que poderão surgir. Os estágios devem ocorrer através de convênios e parcerias.

Os estágios supõem continuidade e devem ser identificados e propostos a partir das demandas surgidas durante a elaboração dos PJER. Necessitam de planejamento prévio e parceria com Organizações Não-Governamentais (ONGs), empresas, universidades, escolas agrícolas, “propriedades-modelo”, cooperativas, associações e sindicatos;

(n) Projeto do Jovem Empreendedor Rural (PJER): este projeto é um importante elemento próprio do Programa Empreendedorismo do Jovem Rural (PEJR). A elaboração do projeto deve ser um processo acompanhado pelos educadores, em se tratando de atividade complexa e as jovens e os jovens são destituídos de experiências anteriores que possam servir de modelo a ser recriado e adaptado ao contexto do Programa. Ao contrário, a metodologia prevê a construção de conhecimentos e modos de elaboração coletivos, para promover situações em que os jovens aprendam o significado de cada etapa do projeto e diferentes formas de realizá-las.

O projeto resulta da clareza do objetivo, da identidade dos jovens, da sua percepção da UFP e do entorno, das potencialidades das UFPs e localidades, e da sensibilidade em prever o resultado de todas essas escolhas que envolvem a elaboração e implantação do PJER.

A elaboração do PJER, que é um projeto profissional, durante a formação, torna-o instrumento de pesquisa, de reconhecimento das práticas familiares e de aplicação dos conteúdos do PEJR, à medida que estimula os jovens para que sejam atores sociais do processo e se identifiquem com o meio em que vivem. Que percebam a UFP como espaço para o empreendedorismo, partindo da identidade do grupo familiar, dos planos de futuro e objetivos da família para a vivência no meio rural, assim como seus princípios e seus valores.

O processo para a escolha do tema do projeto é fundamental, pois deverá favorecer que os jovens percebam a relação entre sua escolha e seus interesses e preferências e de sua família, assim como as potencialidades da UFP e da realidade econômica local e regional.

5.2. A UPM – Unidade Político-metodológica

Lê-se em Unidade Político-Metodológica (2007, p. 4) que ela é uma publicação que tem como objetivo expor as concepções orientadoras do Programa Empreendedorismo do Jovem Rural (PEJR), idealizado pelo Instituto Souza Cruz, mas implementado pelo CEDEJOR através de uma parceria. A UPM está sempre em construção, se molda às novas situações e realidades. É dirigida à equipe de educadores, bem como a todos os atores envolvidos no processo de formação.

Os tópicos que são apresentados na UPM serão abordados neste capítulo de forma muito sucinta, pois a intenção é fornecer um panorama geral do que é a Unidade Político-Metodológica e devido à própria prática do CEDEJOR CSP hoje já ser um pouco distinta do que se encontra nesta última versão da UPM. A distinção está no próprio fato da prática pedagógica modificar-se ao longo dos anos de trabalho e da UPM sempre necessariamente ter que acompanhar essas modificações. Ou seja, a UPM já necessita de uma nova versão.

A UPM contém diretrizes que direcionam o PEJR implementado no trabalho de formação da juventude rural pelo CEDEJOR. São consideradas as concepções orientadoras do Programa, que se pode perceber que influenciaram a missão, a visão e os objetivos do próprio CEDEJOR.

Tais concepções orientadoras do PEJR favorecem interfaces entre os distintos conhecimentos relacionados e integrantes aos eixos de trabalho – humano, técnico e gerencial – que apesar de dispostos separadamente, articulam-se através de uma perspectiva interdisciplinar e transversal. As concepções orientadoras são influenciadas pelo Paradigma

do Desenvolvimento Humano, pelos Pilares da Educação para o Século XXI e pelos Códigos da Modernidade, acreditando que impulsiona as competências a serem construídas pelas jovens e pelos jovens rurais, podendo impulsionar os desenvolvimentos pessoal, social, intelectual e produtivo (UNIDADE político-metodológica, 2007).

O Paradigma do Desenvolvimento Humano, os Pilares da Educação para o Século XXI e os Códigos da Modernidade são abordados na UPM de forma sucinta, somente para um conhecimento geral dos conceitos. Vai além, são discutidos outros conceitos que direcionam o PEJR e o trabalho do CEDEJOR: a visão de desenvolvimento sustentável e territórios rurais, a agricultura familiar, a pluriatividade e multifuncionalidade na agricultura familiar, empreendedorismo, protagonismo juvenil, juventudes e jovens rurais, educação do campo, redes e parcerias. Também são discutidas as diretrizes pedagógicas que, “está voltada para a compreensão histórica e cultural do mundo, dos seres humanos, das relações sociais e produtivas e do conhecimento” (UNIDADE político metodológica, 2007, p. 45). São diretrizes relacionadas à aprendizagem, a interdisciplinaridade, a transversalidade, a problematização, a contextualização, a resolução de problemas e a avaliação.

Também são discutidas as diretrizes metodológicas baseadas na Pedagogia da Alternância: os instrumentos pedagógicos (que foram abordados no capítulo 5 da forma que estão sendo utilizados hoje no CEDEJOR e os que estão sendo utilizados), o planejamento das semanas presenciais, a pesquisa voltada para o projeto, o Projeto do Jovem Empreendedor Rural (PJER). Atualmente no CEDEJOR foram criados Grupos de Trabalho (GTs) para aprimorar as diretrizes metodológicas, quanto ao processo de desenvolvimento do PJER, ao uso dos instrumentos pedagógicos e à criação de maior identidade metodológica ao CEDEJOR, promovendo mais unidade metodológica aos três Núcleos do CEDEJOR.

E ainda, há a discussão das diretrizes curriculares que são “aspectos constitutivos do currículo, considerando a especificidade das aprendizagens que o Programa pretende

promover” (UNIDADE político metodológica, 2007, p. 70). São organizados em três eixos: humano, técnico e gerencial.

Na UPM há uma preocupação constante de articular a formação das jovens e dos jovens e seus meios sócio-profissionais, para realmente haver a promoção do desenvolvimento:

“A opção por conteúdos humanos, técnicos e gerenciais decorre da intenção de formar jovens rurais para a participação cidadã, com competência para empreenderem no meio em que vivem. Propõe, portanto, o desenvolvimento das pessoas, das comunidades e das relações com o mundo do trabalho. Tais conteúdos dão substância aos conhecimentos e às práticas a serem trabalhadas e visam à formação integral dos jovens, sem ignorar que vivem no meio rural e que é este meio que precisa ser qualificado para garantir sustentabilidade, aprimoramento da qualidade de vida e, conseqüentemente, permanência no campo.

A descrição dos conteúdos compõe a diretriz curricular que se organiza na forma de temas e subtemas e deve ser complementado com as demandas relativas às especificidades locais (...)” (UNIDADE político-metodológica, 2007, p. 70)

Segundo a Unidade Político-Metodológica, 2007, o Instituto Souza Cruz é convicto de que a implantação de uma política consciente de desenvolvimento sustentável de territórios rurais reorganiza o futuro de uma região e o jovem deve ocupar o papel estratégico de protagonista nesse processo. Ou seja, “a organização do jovem do campo e sua crescente qualificação através do domínio da informação e do conhecimento podem reverter o quadro de exclusão social (...)” (UNIDADE político-metodológica, 2007, p. 19).

“Um aspecto central para poder construir sonhos, para poder mudar a nós mesmos e a realidade que nos circunda é a capacidade de sentir, de tocar, de amar e de conhecer.”

Eduardo Amadeo

6. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO CEDEJOR CENTRO-SUL DO PARANÁ

A juventude tem uma capacidade impressionante de responder aos estímulos que lhes são proporcionados. A juventude rural não é diferente. São jovens atentos, que percebem bem o mundo que os cerca, reconhecem os problemas de suas realidades e passam a protagonizar ações quando estimulados e o ambiente a sua volta é favorável.

Lê-se em Juventude, Cidadania e Meio Ambiente – Subsídios para a elaboração de políticas públicas (2006, p. 09), de muitas e distintas formas, que os jovens têm maior probabilidade de incorporarem em seus ideários e em sua visão de mundo, conceitos ecológicos do que as gerações passadas. Isso é fruto do importante papel das escolas, de projetos sociais governamentais e não-governamentais e principalmente do trabalho de sensibilização de muitas organizações não-governamentais, empresariais e organismos de direitos humanos que perceberam que os padrões de consumo tendem a agravar cada vez mais os problemas ambientais.

Muitos usam argumentos ecológicos como trampolim político de diferentes maneiras, oportunas ou oportunistas. Também como apelo comercial, pois está na moda. Mas, acima destes usos maléficos para a sociedade, as questões ecológicas têm um grande potencial para produzir tanto a crítica ao consumismo quanto para reafirmar importantes valores societários que pressupõem também novas relações com o meio ambiente (JUVENTUDE, Cidadania e Meio Ambiente – Subsídios para a elaboração de políticas públicas, 2006, p. 09). É isso que a juventude tem incorporado facilitado pelas instituições já citadas.

Através do trecho do livro Juventude, Cidadania e Meio Ambiente – Subsídios para a elaboração de políticas públicas (2006) percebe-se de fato a rapidez com que jovens rurais estão incorporando o ideário da ecologia em sua visão de mundo:

Nesses tempos de saída massiva dos jovens do campo, registra-se hoje uma nova predisposição de uma parcela da juventude rural para responder aos apelos de mobilização e às práticas “ecologicamente corretas”. As representações e práticas ecológicas agregam um valor positivo ao “ficar no campo”, antes só visto pela ótica do atraso. Hoje, o ideário ecológico espalhado em nível mundial, potencializa a crítica ao modelo de desenvolvimento vigente nas áreas rurais e se torna um aliado na defesa de modelos alternativos de posse e uso da terra de acordo com situações específicas das diferentes áreas, tais como, as reservas extrativistas nas florestas, o apoio à pequena produção agrícola ecológica, orgânica e etc. Nas áreas rurais também se fala em “criar postos de trabalho” em atividades rurais não agrícolas, turismo rural ecológico (CIDADANIA e Meio Ambiente – Subsídios para a elaboração de políticas públicas, 2006, p. 10).

Essa predisposição por ideários ecológicos mostra o quão ainda há solução para os problemas atuais e a educação tem papel fundamental nesse processo de transformação da sociedade. Todo projeto educacional teve conter uma proposta de desenvolvimento humano, que leve em consideração o despertar da consciência ecológica. A Educação Ambiental não está declarada na proposta de formação pelo CEDEJOR, mas é um complemento na formação técnica e humana que leva em consideração a necessidade de despertar a consciência ecológica.

Como um projeto de educação integral, a Pedagogia da Alternância desenvolve a consciência ecológica através de uma modelo de formação que leva os jovens rurais a modificarem suas práticas agrícolas. Novas práticas que tem como foco em curto prazo a diversificação das atividades produtivas tanto para visar o mercado quanto para o auto-consumo, a otimização de processos ecológicos, as estratégias de reposição de fertilidade do solo e controle de insetos espontâneos e doenças e a geração de renda, bem como outras práticas que minimizam ou anulam os impactos ambientais; e em médio e longo prazo um

ambiente mais ecologicamente equilibrado, a fertilidade do solo consolidada e a diminuição dos custos de produção, com conseqüente autonomia da família agricultora.

Mas, o que está acontecendo paralelamente e tão importante quanto, é um processo de adequação ambiental das unidades familiares de produção. As famílias dos jovens, bem como outras famílias de muitas comunidades rurais, pressionadas pela concentração fundiária e pela mudança na estrutura e dinâmica do espaço rural, estão sofrendo graves conseqüências da degradação dos recursos naturais, sendo necessária uma ação estratégica para reverter este quadro. Contudo, está havendo maior conscientização pela importância de se plantar árvores, recuperar matas ciliares e nascentes (CARNEIRO *et al*, 2004). Isso está acontecendo a partir de novos modelos de projetos educacionais e do modelo educacional da Pedagogia da Alternância, mostrando o potencial que tem como ferramenta de Educação Ambiental.

Todas essas transformações acarretadas nos jovens são devidas à formação a que estão submetidos. De acordo com Chequeto (Acessado em: 25 de março de 2008) a Pedagogia da Alternância é uma formação:

(...) que respeita a vida, o ser humano e os recursos naturais, muito embora sem a terminologia hoje predominante de “agroecologia”. Seus instrumentos pedagógicos ajudaram a sustentar vínculos mais fortes com a ecologia, especialmente a terra, num sistema de produção mais diversificado, com aproveitamento dos insumos disponíveis nas propriedades, e menos desperdício, reduzindo custos e aumentando a rentabilidade econômica (CHEQUETO, 2008, p. 01).

A partir da metodologia da Pedagogia da Alternância, com o uso de seu instrumental para difundir os conceitos e práticas da agroecologia, se consegue aproximar o jovem educando dos processos sócio-ecológicos da realidade de seus agroecossistemas, especialmente refletir com enfoque crítico, para que de forma protagonista busque resoluções sustentáveis.

No CEDEJOR CSP a tentativa em construção é de se implantar uma seqüência de atividades de formação abordando os conceitos e princípios da agroecologia, vencendo etapas

no seu entendimento e apreensão. Serão cinco módulos mesclados durante todo o processo de formação em alternância, que são elencados a seguir:

(a) no módulo introdutório serão abordados os princípios e conceitos básicos da agroecologia: práticas agroecológicas fundamentais; a agricultura familiar e a agroecologia como modelo de desenvolvimento; aspectos fundamentais para a reorganização dos sistemas de produção, tais como: diversificação, auto-consumo e independência de insumos externos; aspectos gerais de manejo e produção em sistemas agroflorestais; o auto-consumo e a viabilidade econômica dos sistemas agroflorestais;

(b) o segundo módulo será baseado no cultivo ecológico de olerícolas, grãos e tubérculos: manejo e conservação do solo; adubação-verde e rotação de cultura; as principais olerícolas e tubérculos (alface, repolho, brócolis, couve-flor, mandioca, cebola, batata-doce, batatinha, rabanete, beterraba, berinjela, pimentão e tomate); irrigação de baixo impacto e baixo custo; estufas alternativas; compostos e compostagens; bio-caldas e bio-fertilizantes; caldas naturais repelentes, inseticidas e fungicidas; os principais grãos (milho e feijão);

(c) no terceiro módulo basicamente será abordada a fruticultura adaptada a região Centro-Sul do Paraná, plantas medicinais e ornamentais: principais frutíferas (Kiwi, citros, pêra, maçã, ameixa, pêssego, uva, amora, maracujá, caqui, figo e morango); caldas; podas; plantas medicinais e ornamentais; agrofloresta baseada na sucessão natural das espécies;

(d) o quarto módulo será pautado na produção animal: sanidade animal e homeopatia; pequenos animais (aves); animais de médio e grande porte (suínos, caprinos, ovinos e bovinos); Pastoreio Racional Voisin; meliponídeos e apicultura;

(e) no quinto módulo será tratado sobre outros aspectos ligado a agroecologia que não está diretamente relacionado com o cultivo propriamente dito: canais alternativos de mercado, certificação de produtos ecológicos por auditagem e a participativa através da Rede Ecovida

de Agroecologia; financiamentos; seguro agrícola; agroindústria familiar multifuncional; processo de organização de grupos de agricultores e metodologias de educação popular.

A agroecologia é um cabedal conceitual que se está buscando perpassar todo o processo de formação no CEDEJOR CSP. Os jovens passam a ter uma melhor noção das relações produtivas existentes entre homem e natureza. Começam a perceber que a natureza pode trabalhar a seu favor e que é preciso trabalhar para melhorar os ambientes, lançando mão de tecnologias ecológicas que geram abundância, ou seja, que geram aumento natural da vida do solo e conseqüentemente da fertilidade do solo, aumento das espécies vegetais e animais e relação entre eles e a vida do solo, controle natural de “doenças” e “pragas” pelo maior equilíbrio atingido, menor necessidade de mão-de-obra, menor custo de produção. Segundo Götsch (1997) a tecnologia na agricultura deva envolver um manejo em que toda intervenção no sistema deva ser seguida de um aumento da quantidade e da qualidade de vida consolidada no local.

Os jovens começam a perceber que o sistema hegemônico que está por detrás da agricultura convencional implementa tecnologias que geram escassez para mantê-los sempre atrelados a esse sistema como somente consumidores. Não consideram o humano como humano e a única viabilidade que lhes interessa é a econômica. Começam a perceber que é isso o que está favorecendo toda a degradação social e ambiental que estamos vivenciando.

O aprendizado da agroecologia imprime uma nova postura à agricultora e ao agricultor e tem atingido os jovens de forma heterogênea, ou seja, uns, a partir da formação no CEDEJOR CSP, apreendem rapidamente e já começam a aplicar e outros nem se quer entenderam a proposta, tendo é claro aqueles que estão entre esses dois extremos. Quando entendem, passam a vislumbrar uma mudança fundamental, que é preciso que ocorra em cada ser humano, uma mudança na compreensão da vida. Perceber que se faz parte e que este

pertencer confere uma responsabilidade muito grande em se continuar favorecendo todo esse processo. O processo da vida. Fritjof Capra expõe que:

(...) há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. E, de fato, estamos agora no princípio dessa mudança fundamental de visão do mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão radical como foi a revolução copernicana (CAPRA, 1996, p. 23).

No CEDEJOR CSP, essa revolução já está acontecendo, ainda em passos lentos. Hoje são os jovens passados pela formação que estão se transformando, mas à medida que o tempo passa e as repercussões da formação dos jovens tomarem dimensões maiores, irão se multiplicar os indivíduos mudados radicalmente com novas percepções, pensamentos e valores. Fruto do protagonismo destes jovens que não serão mais os mesmos, e suas famílias que não mais serão as mesmas, e suas localidades, em seguida, também não mais serão as mesmas, e seus municípios, e suas regiões, e até que todos estejam acreditando num mundo que já não será mais o mesmo.

7. METODOLOGIA DA PESQUISA

7.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa é do tipo qualitativo porque não busca comprovar hipóteses ou validade de dados ou métodos pelo critério quantitativo e sim, descrevem fatos em um dado momento, em uma cultura específica no contexto em que acontecem (CHIZZOTTI, 2001). Busca verificar, a partir de indicadores qualitativos (percepções, relatos, histórias pessoais, registros), indagar sobre a adequação, vantagens e limitações da Pedagogia da Alternância, que é praticada no CEDEJOR CSP, enquanto metodologia de educação integral eficiente para educar ambientalmente jovens rurais.

Para isso, optou-se pelo Estudo de Caso, enquanto técnica direcionada ao problema de pesquisa, debruçando-se sobre um jovem e sua família, visando encontrar relações entre indicadores relevantes que possam explicar a pertinência da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento integral de jovens rurais (RIZZINI *et al*, 1999).

O jovem e sua família, expostos neste estudo de caso, representaram uma referência significativa (CHIZZOTTI, 2001). Explicita aspectos da realidade de sua formação no CEDEJOR CSP, de sua influência no ambiente familiar e da aplicação na UFP do que aprende durante a formação, contrastando com os demais jovens, suas famílias e aplicações do que aprendem, que podem ser consideradas menos eficientes do que o caso do jovem exposto neste trabalho, verificado por observação direta.

Encontra-se no apêndice I, uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pelo jovem autorizando a utilização dos dados de sua UFP, como também imagens de sua pessoa e seus familiares, para fins de monografia. O Termo assinado pelo jovem encontra-se de posse do pesquisador.

A delimitação do caso foi considerada suficiente a fim de reunir informações que expõem a eficiência da Pedagogia da Alternância enquanto metodologia de educação integral que leva em consideração o aspecto ambiental, mais uma vez, contrastando com os demais jovens, que também possuem aspectos interessantes da realidade de sua formação no CEDEJOR CSP, de sua influência no ambiente familiar e da aplicação na UFP do que aprende durante a formação, mas em modos distintos e menor intensidade, também constatado por observação direta.

Nesse processo, utilizou-se da Observação Participante, que é obtida a partir do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para apropriar-se do contexto geral das ações dos atores, considerando suas perspectivas e visão de mundo (CHIZZOTTI, 2001).

A atitude participante deste trabalho se deu no contexto da própria metodologia da Pedagogia da Alternância. O jovem exposto neste estudo de caso, estava em formação durante a pesquisa, na conclusão da mesma (em agosto de 2008) ainda faltavam cinco alternâncias para que ele completasse o processo de formação e desde março do ano de 2007 vinha sendo acompanhado, ou seja, foram dezenove meses de acompanhamento num processo em alternância, em que a realidade da vida desse jovem foi o foco de sua aprendizagem e os educadores e a própria metodologia a conexão para que esse jovem percebesse de forma consciente o máximo possível dessa realidade.

Durante as semanas presenciais, que aconteciam uma vez por mês em regime de internato, estava sob observação e enquanto estava no seu meio sócio-profissional era visitado por um educador do CEDEJOR (instrumento pedagógico chamado de Visita de Acompanhamento às Famílias), que fazia observações definidas previamente quanto aos avanços e retrocessos do processo de aprendizagem e aceitação da família no que concerne à participação do jovem no CEDEJOR e as proposições de mudanças e transformações que este esteja fazendo na família, na UFP e nele mesmo. Também é o momento em que o educador

pode participar, mesmo que minimamente, da vida cotidiana do jovem. A “vida” que ele leva para as semana presenciais no CEDEJOR. Foram realizadas dez visitas à família do jovem exposto neste estudo de caso, sendo duas durante um período inteiro do dia.

O desenvolvimento de todos os jovens da turma, no que tange à incorporação de ideários e aplicação de práticas ecológicas, foi utilizado comparando-se ao do jovem exposto no estudo. Neste sentido, o universo da pesquisa foi toda a turma, mas somente as experiências de um jovem e sua família foram descritas, devido ser a tipologia buscada: o interesse pela agroecologia e as muitas aplicações práticas que já estava realizando em sua UFP. A comparação somente foi possível devido a própria metodologia da Pedagogia da Alternância, onde o acompanhamento às famílias dos jovens faz parte dos instrumentos pedagógicos e a individualização no tratamento aos jovens durante a formação permite uma grande aproximação educador – educando, permitindo uma observação mais criteriosa sobre cada jovem.

Dado o exposto, há um acervo, que compôs os dados da pesquisa, de relatórios de “Visitas de Acompanhamento às Famílias” realizadas à família do jovem exposto neste estudo de caso. Também há relatórios institucionais que levam em consideração parte do contexto da formação desde jovem, e sua turma, que se deu no processo de trânsito da realidade entre seu meio sócio-profissional e as semanas presenciais em internato, possibilitando a observação em duas circunstâncias, que é o contexto geral da Pedagogia da Alternância.

7.1.1. Localização da Pesquisa

A localidade do jovem descrito no estudo de caso fica no interior do município de Prudentópolis, Paraná, chamada Papanduva de Cima, a oito Quilômetros do Km 63 da rodovia BR 277 (ver imagem 1), entre os núcleos urbanos de Prudentópolis e Irati. O relevo dessa localidade é moderadamente ondulado, recortado por pequenos córregos e várzeas, o

que define a caracterização de uso do solo sendo predominantemente de agricultura familiar, de acordo com que se pode observar na imagem 1.

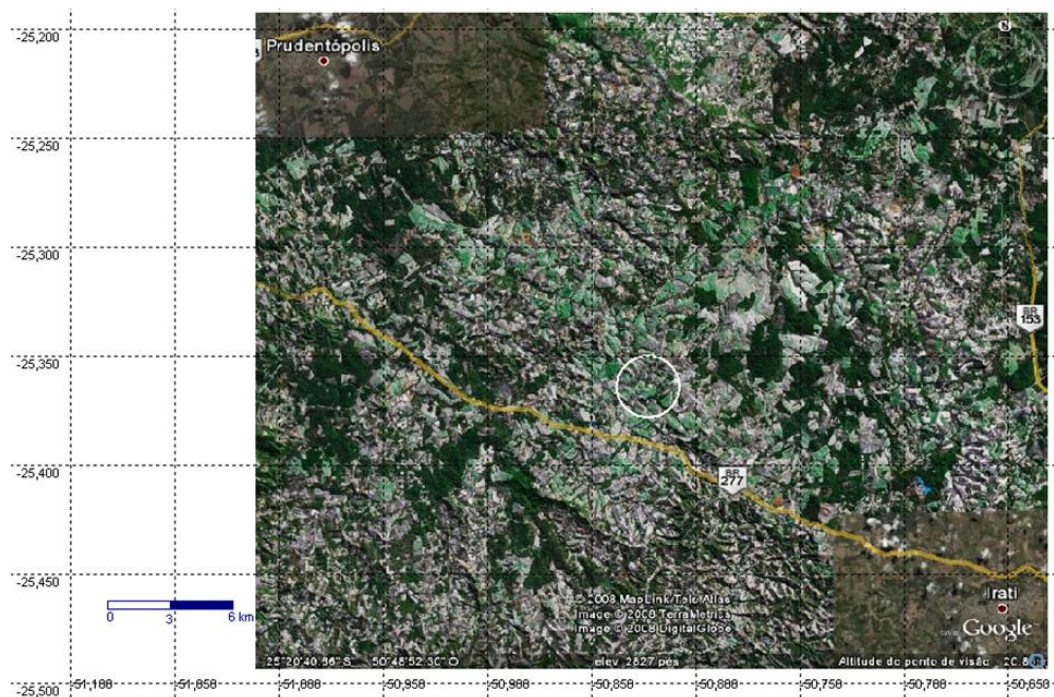
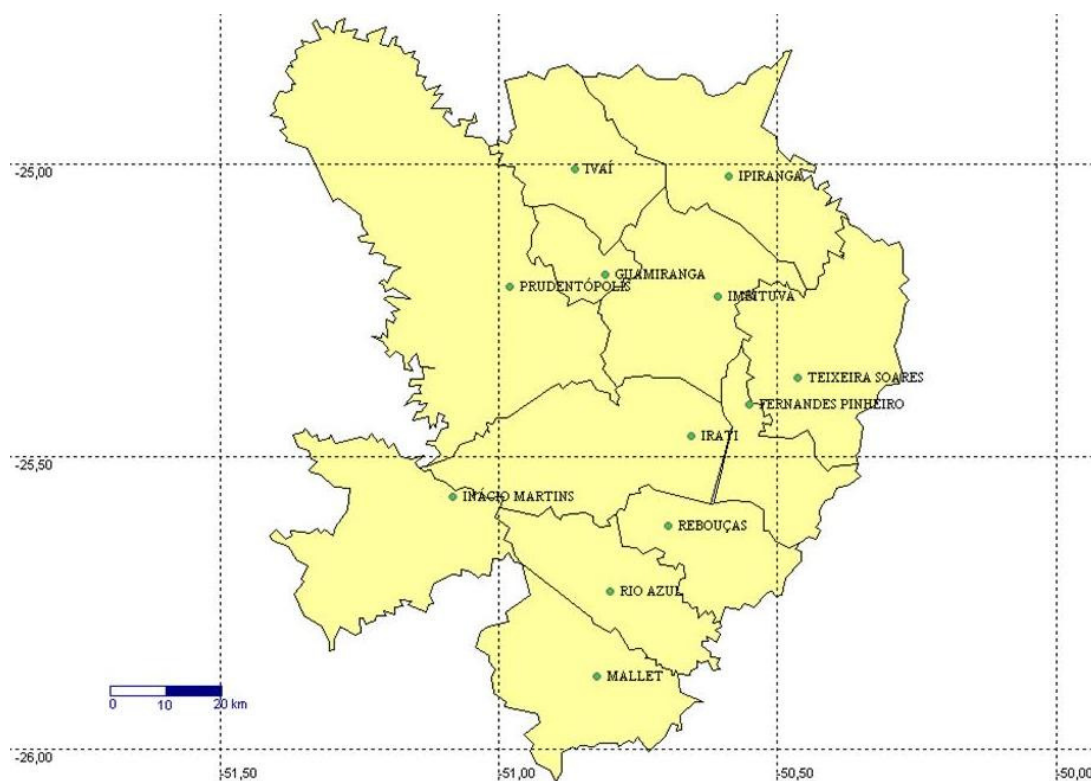
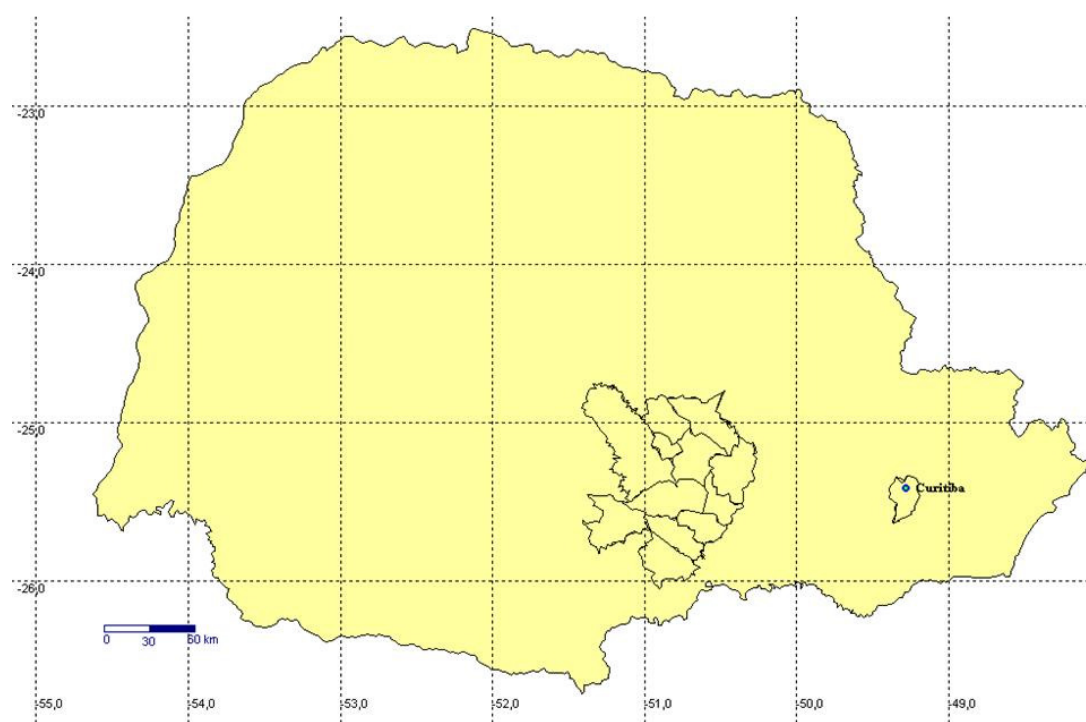


Imagem (1): imagem do Google Earth mostrando onde se encontra a localidade Papanduva de cima

A Turma 3 (três) e a abrangência de atuação do CEDEJOR CSP nesta turma é considerada a delimitação da pesquisa. O foco de observação concentra-se num jovem, que será descrito no próximo capítulo e todos outros jovens de sua turma foram observados como parâmetros de comparação. Esse é o universo da pesquisa. Sendo assim, a abrangência da pesquisa foram seis (6) municípios do Território Centro-Sul do Paraná onde se encontram os jovens da Turma 3 (três) do CEDEJOR CSP: Guamiranga, Imbituva, Mallet, Prudentópolis, Rio Azul e Teixeira Soares. Nos mapas 1 e 2 se encontram os municípios do Território Centro-Sul do Paraná e a posição do Território Centro-Sul do Paraná no estado do Paraná, respectivamente.



Mapa (1): Municípios do Território Centro-Sul do Paraná



Mapa (2): Posição do Território Centro-Sul do Paraná no estado do Paraná

O Território Centro-Sul do Paraná é composto por uma mistura étnico-cultural com predominância de descendentes de ucranianos e poloneses, mas com traços de descendentes

de italianos e remanescentes de quilombos, bem como descendentes de etnias indígenas, principalmente no centro-norte do território.

Contando com o jovem descrito no estudo de caso, são dezoito (18) jovens na turma 3 (três) do CEDEJOR CSP. A tabela 1 abaixo indica cada município e as localidades com o número de jovens por localidade e o total de jovens por município. Essa tabela abaixo mostra a representatividade do universo da pesquisa.

MUNICÍPIO	LOCALIDADE	Nº DE JOVENS	Nº DE JOVENS/ MUNICÍPIO
Guamiranga	Boa Vista	1	5
	Guamirim	1	
	Manduri	1	
	Queimadas	2	
Imbituva	São Miguel	2	2
Mallet	Bairro dos Lima	1	7
	Colônia 3	1	
	Colônia 4	2	
	Colônia 5	2	
	Colônia 6	1	
Prudentópolis	Papanduva de cima	1	1
Rio Azul	Marumbi dos Ribeiros	1	2
	Rio Vinagre	1	
Teixeira Soares	Rio D'Areia de Baixo	1	1
TOTAL			18

Tabela (1): distribuição dos jovens da Turma 3 (três) do CEDEJOR CSP no Território Centro-Sul do Paraná

7.2. O CASO DE UM JOVEM EM FORMAÇÃO

As turmas em formação no CEDEJOR CSP recebem grande bagagem de informações a respeito da agroecologia e cultivos ecológicos em geral. Como em qualquer atividade humana, alguns indivíduos tendem a despertar maior interesse do que outros. No caso do interesse pela agroecologia e diversificação de produção, um jovem, de 19 anos, do sexo masculino, com ensino médio completo, da Turma 3 (três) do CEDEJOR CSP se sobressaiu em relação a seus colegas de turma.

Esse jovem, está fazendo a transição de sua UFP para a agroecologia, utilizando práticas ecológicas de reposição de fertilidade do solo, de controle de pragas e doenças, está diversificando a produção, também deixando de produzir tabaco, bem como utilizando outras práticas ambientalmente corretas como tecnologias de baixo impacto ambiental e uso renovável de recursos.

Interessante observar no caso desse jovem que a transformação está acontecendo em todos os membros da sua família. Constatou-se por observação direta, que são mais transformações do que estão acontecendo nas UFPs dos outros jovens das turmas em formação no CEDEJOR CSP. Ressaltando que essa transformação pode ocorrer em qualquer família de jovem em formação, algumas mais rápidas, outras mais lentamente, muitas transformações ou poucas e pode haver famílias que não vão modificar-se devido a muitas razões. Dentre um universo tão complexo, destaca-se: (a) por não compreenderem e/ou não acreditarem na proposta do CEDEJOR, não estimulando o jovem suficientemente; (b) por conflito de geração: os pais não compreenderem os filhos e/ou vice-versa; (c) por conflitar com a postura do pai, patriarca, que assume a frente de tudo e as decisões por todos, sendo que, se o filho começa a trazer novas idéias, passa a quebrar essa condição cultural familiar; (d) por comodismo e falta de pró-atividade de alguns jovens; (e) por serem mudanças dentro de um novo paradigma, levando algum tempo para compreenderem que há novas possibilidades viáveis do ponto de vista econômico, ecológico, social, político e pessoal; (f) algumas famílias, por terem êxito econômico no sistema convencional devido a um bom gerenciamento da UFP.

A família destaca que todas essas transformações na UFP têm ocorrido depois do ingresso do jovem ao CEDEJOR CSP. Uma fala de um dos irmãos retrata muito bem: “Se ele não tivesse saído, não estaria mudando as coisas aqui na propriedade”. Estava referindo-se à saída dele para a formação no CEDEJOR CSP.

O jovem tem mostrado de forma prática em sua UFP muita coisa que têm aprendido na formação. Os familiares estão podendo perceber que essas tecnologias realmente funcionam, promovendo assim o convencimento de todos da família que estão acatando o modelo da agroecologia, ou pelo menos percebendo que se pode aproveitar tudo que há na UFP principalmente como forma de diminuir o custo de produção.

O jovem gradativamente vem conquistando sua autonomia. O pai lhe proporcionou abertura para que demonstrasse seus conhecimentos através de novos sistemas de cultivo e sua funcionalidade, tomando cuidado para não incorrer em erros e não cair em descrédito. E isso pôde ser percebido por observação direta. Pode-se acreditar, pela postura que o jovem possui, ele vem conquistando essa independência dentro da própria família, há algum tempo.

A família desse jovem é composta de seis membros, sendo ele, dois irmãos também jovens, uma irmã que mora no centro urbano de Prudentópolis, seu pai e sua mãe. É importante lembrar que essa composição familiar, junto com a disposição, a pró-atividade do jovem e a clareza do entendimento da proposta do CEDEJOR é que parece ter permitido que ele participe constantemente de atividades extra-formação como: reuniões, seminários, visitas técnicas e encontros de agroecologia, dentre outras ações. Suas ausências na UFP são antecipadas por ele com trabalho mais intenso e garantidas pelos seus irmãos que acabam dando conta dos afazeres que restaram. Talvez isso tenha permitido o maior avanço dele com relação a seus colegas de turma.

Também seu pai o incentiva bastante. Quando indagado sobre como a família vê a situação do filho ter que sair, num determinado mês, uma semana a mais para fazer estágio, além da semana presencial no CEDEJOR, ele respondeu: “Meu filho está trazendo novidades. Os irmãos dele dão conta. Mesmo se não desse, pagaria alguém de fora para que ele fosse ao estágio”.

É importante ressaltar que este jovem possui características pró-ativas como manter sempre o contato com a equipe do CEDEJOR CSP ligando para saber notícias e noticiar ou pelo menos para conversas informais. Também, sempre que possível, aparece ao Núcleo (como habitualmente é chamada a sede do CEDEJOR) para pesquisas na rede mundial de computadores (internet), para conversar assuntos técnicos com os educadores ou pelo menos para simplesmente aparecer. Todos esses aspectos e características do perfil desse jovem mostram que compreendeu a proposta do CEDEJOR e procura aproveitar todos os benefícios de estar em formação. Isso facilitou e vem possibilitando, de certa forma, todas as transformações que ele tem atravessado e proporcionado a seus familiares.

Segundo o próprio jovem, as decisões são tomadas em conjunto. Há um diálogo aberto entre os irmãos sobre o que desenvolver ou dar prioridade. Os pais participam e têm aceitado e confiado nos filhos pelo empenho que estão dando e mostrando que já possuem autonomia e responsabilidades suficiente para implementar e administrar atividades diversas na UFP.

É extremamente importante ressaltar que essa família foi produtora de tabaco até o último ano agrícola de 2007/ 2008. Segundo a própria família, a partir desse ano não mais irão desenvolver essa atividade e isso foi reflexo da formação do jovem no CEDEJOR CSP, que permitiu enxergar outras possibilidades rentáveis, saudáveis e que oferece pouco ou nenhum impacto ao meio ambiente.

Estão desenvolvendo e projetando diversas atividades agropecuárias para tornar a UFP auto-sustentável, que serão abordadas em seguida, divididas em o que já desenvolveram e o que está por fazer, que segundo o próprio jovem, conseguirão realizar até o fim do ano de 2009.

Já desenvolveram: (a) plantio de espécies frutíferas, como: pêssego, ameixa, morango e maracujá, conforme fotos 1 e 2:



Foto (1): poda de pessegueiro



Foto (2): plantio de morangueiro

(b) proteção de nascente, através de parceria com o próprio CEDEJOR CSP em uma atividade-oficina com as jovens e os jovens da Turma 3 (três), conforme fotos 3 e 4:



Foto (3): construção de proteção de fontes



Foto (4): construção de proteção de fontes

(c) Manejo agroflorestal ainda com caráter experimental, de acordo com as fotos 5 e 6:



Foto (5): vista parcial de área com manejo agroflorestal



Foto (6): manejo de poda em agrofloresta

(d) banheiro seco, como se pode observar na foto 7, a seguir:



Foto (7): banheiro seco

(e) sabão caseiro de baixo custo; (f) produção de compostagem, bio-caldas e bio-fertilizantes, conforme as seguintes fotos 8 e 9:



Foto (8): produção de compostagem



Foto (9): produção de biocalda

(g) plantio de sementes de milho crioulo; (h) cerca para isolar mata ciliar dos animais e enriquecimento dessa área com espécies arbóreas nativas, de acordo com as fotos 10 e 11:

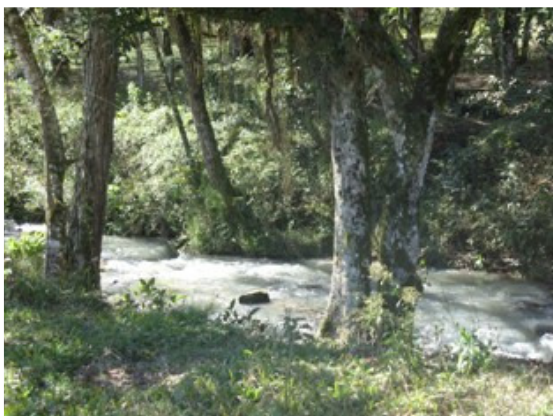


Foto (10): mata ciliar divisa da UFP



Foto (11): muda de erva-mate plantada na mata ciliar

(i) aplicação de práticas de conservação de solo, tais como: adubação-verde de inverno e verão.

O que têm capacidade de realizarem ainda neste ano de 2008 e no próximo, segundo o próprio jovem: (a) curvas de nível e faixas de vegetação para conservação de solo; (b) utilizar rolo-faca para cobrir as sementes de forrageiras e buscar eficiência no controle de plantas espontâneas; (c) beneficiar, como forma de total aproveitamento, frutas em geléias e compotas, bem como conservas de legumes e verduras; (d) plantar árvores nativas para colheita de frutos e folhas e também adequação ambiental; (e) construção de um galinheiro através da tecnologia do super-adobe; (f) implantar uma cerca viva ao redor do quintal da casa; (g) contribuir com os vizinhos e parentes através da articulação de mutirões (consiste em reunião para trabalho) com a comunidade; (h) construir um bio-digestor; (i) produzir feno de gramíneas e outras espécies espontâneas; (j) plantar pastagem apícola; (l) implantar um pomar consorciado de várias espécies frutíferas; (m) construir aquecedor solar com garrafas PET e aquecedor com serpentina no fogão à lenha; (n) construir sistema de tratamento de água cinza; (o) de forma concomitante a família pretende implantar a integração sustentável das várias atividades que estão sendo desenvolvidas na UFP, como também o agro-turismo.

“Quero tornar minha UFP auto-sustentável”, foi uma das falas do jovem durante alguma das visitas à sua família realizada no período do estudo de caso. Como se pode ver,

todas as atividades pensadas são para diversificação da UFP e utilização de tecnologias de baixo impacto ambiental e uso renovável de recursos. Isso mostra o quanto o jovem e seus familiares estão incorporando e praticando a educação ambiental na forma da agroecologia e outras concepções de agricultura ecológica e utilização de recursos de forma sustentável.

Sobretudo, esse exemplo demonstra que é possível educar ambientalmente famílias inteiras, podendo extrapolar para outras famílias, através da formação do jovem pela metodologia da Pedagogia da Alternância que trás a Educação Ambiental através da agroecologia mesmo que não declarada oficialmente pela instituição.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

São dois grandes desafios da inicialização e continuação de agricultoras e agricultores nas práticas ecológicas de cultivo e manejo animal: o primeiro é a apreensão de princípios e conceitos de ecologia, a tomada de conscientização, a sensibilização pelos sistemas ecológicos; e o segundo é a comercialização. Comercializar exige a existência de mercado, que, para os produtos ecológicos, ainda não está bem consolidado.

Não obstante, produzir, para famílias agricultoras, é a etapa mais fácil. Depois da tomada de consciência e sensibilização pelos sistemas ecológicos de cultivo e manejo animal, a descoberta de insumos e formas de manejo ecológico é relativamente tranquila. Nos tempos de hoje, já existem muitas famílias agricultoras ecológicas, organizações representativas dos agricultores e agricultoras e organizações não-governamentais que trabalham na perspectiva da ecologização dos sistemas agrícolas, silvícolas e pastoris, formando uma rede e facilitando o ingresso de novos indivíduos na produção ecológica. É o que aconteceu com o jovem exposto no estudo de caso. Ele vem adquirindo novos conhecimento não somente no processo de formação no CEDEJOR CSP, mas em todos os espaços formativos a que está buscando.

A partir da formação através de uma educação integral, com ampliação da visão de mundo, o jovem, considerado no estudo de caso, passou a incorporar novos ideários, principalmente o da ecologia, aplicando práticas ecológicas de cultivo e manejo animal, contribuindo para aumentar sua auto-estima, dando um maior sentido a sua vida. Mas, não se pode afirmar da mesma forma para os outros jovens e as jovens de sua turma. Até o momento de conclusão do presente estudo, não obtiveram mesma intensidade em relação a incorporação do ideários da ecologia e aplicação de práticas ecológicas. Contudo, todos se mostram sensibilizados pelos sistemas ecológicos, também em intensidades distintas, demonstrando

que cada um tem seu momento de tomada de consciência sobre as possibilidades da ecologização dos sistemas agrícolas, silvícolas e pastoris. Aliado a uma rede de pensamento num paradigma ecológico, ou seja, hoje hão muito mais pessoas envolvidas com ecologia do que a tempos. Isso pode promover uma maior capacidade dessa geração de absorver novos ideários, principalmente ideários ecológicos, do que as gerações passadas, corroborando com Juventude, Cidadania e Meio Ambiente – Subsídios para a elaboração de políticas públicas (2006, p. 09).

O jovem começou a aplicar práticas tecnológicas sustentáveis e também passou a promover a multiplicação dessas idéias e práticas na Associação da qual faz parte em sua localidade, bem como buscando articulações com a prefeitura de seu município para melhorias locais. Ou seja, está atuando como um Agente de Desenvolvimento Rural, contribuindo incisivamente para o desenvolvimento sustentável de sua localidade e a partir daí poderá contribuir também com o território.

Esse aspecto de transformação do jovem é o qual se trabalha no CEDEJOR. Como consequência da formação está o desenvolvimento dos territórios onde atua. Somente a partir da ampliação da visão de mundo e maior sensibilização pelas causas sociais e ambientais as jovens e os jovens passam a atuar, protagonizando ações e promovendo transformações, comprovando o efeito que se espera da educação integral a partir da Pedagogia da Alternância.

A Pedagogia da Alternância foi a principal transformadora da visão de mundo desse jovem, que a partir do contexto de uma educação integral permitiu o transito de questões da realidade, que fazem sentido para o jovem, entre o seu meio sócio-profissional e a semana em internato no CEDEJOR, contribuindo para o seu desenvolvimento. Incorporar a agroecologia foi uma consequência disso, ajudados pelos instrumentos pedagógicos, como Chequeto (Acessado em: 25 de março de 2008), também considera.

De acordo com o perfil do jovem destacado pelo estudo, percebe-se que ele vem adquirindo autonomia, estando de acordo com que Freire (1996) disse, que: “ninguém é dono da autonomia de ninguém, ela é conquistada por cada um de nós ou não”. De nada adianta insistir nas ações que queremos que façam ou dar todo aparato pedagógico, se os próprios indivíduos não tiverem compreendido o quão importante é tal ação. Mas como o próprio Paulo Freire disse, o máximo que podemos fazer é dar conselhos, mas a decisão fica a cargo de cada um. Isso é que faz com que se adquira autonomia: a prática de tomar decisões.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há estudos que comprovem a eficiência da metodologia da Pedagogia da Alternância como método de Observação Participante. Talvez não tenha sido suficiente a quantidade de visitas realizadas à UFP do jovem estudado neste caso e o acompanhamento desse jovem durante as semanas presenciais no CEDEJOR para avaliar o processo de formação pela Pedagogia da Alternância e responder a problematização realizada na introdução desse estudo.

Não obstante, pode-se considerar, com base no estudo de caso apresentado, que a Pedagogia da Alternância que é praticada no CEDEJOR CSP, é uma metodologia de ensino-aprendizagem da qual está contida a Educação Ambiental, por se mostrar eficiente no processo de aprendizagem de conceitos e princípios ecológicos demonstrado pela apreensão pelas jovens e pelos jovens em formação e até numa mudança de postura ideológica pela transparência de novos ideários. Como já ressaltado neste trabalho, é claro que estas transformações atingem cada jovem de formas e intensidades diferentes.

Os jovens rurais, assim como qualquer jovem, quando estimulados, passam a assumir novos ideários mesmo que na prática ainda não apliquem estes novos conhecimentos, por vários motivos. O que pode se perceber também é que possuem muita vontade de mudança e que quando são estimulados o suficiente e há oportunidades, praticam os conhecimentos adquiridos da agroecologia, bem como de outras tecnologias na agricultura que minimizam ou anulam os impactos ambientais. O caso do jovem exposto neste trabalho trata-se de um caso interessante, em que ele percebeu rapidamente a proposta do CEDEJOR de estímulo ao protagonismo e desenvolvimento rural sustentável através da adoção de práticas ecológicas. Também seu perfil e de sua família, dá indícios que possibilitaram maiores avanços em relação aos demais jovens em formação e suas famílias. Isto foi avaliado por observação

direta, comparando as modificações numa direção para a transição ecológica na UFP do jovem exposto neste estudo e as modificações realizadas pelos outros jovem da turma 3 do CEDEJOR CSP.

A necessidade da Educação Ambiental vem da falta de uma sociedade educada ambientalmente, ou seja, a grande maioria das ações humanas reflete maus usos do ambiente e desrespeito às demais espécies do planeta, resultado de um paradigma linear e reducionista que não considera as inter-relações no mundo vivo e com o meio ambiente. Devido a isso, é necessário que cada indivíduo seja educado ambientalmente porque não está contemplado durante seu processo de cognição e desenvolvimento.

Não é necessária que a Educação Ambiental esteja declarada na Pedagogia da Alternância. Está contemplada por ser um projeto de educação integral. Não é necessário o CEDEJOR declarar a agroecologia de forma estatutária ou qualquer outro formalismo, devido a esse reconhecimento estar na própria metodologia da Pedagogia da Alternância e arraigada na sua ideologia. A formação integral do jovem rural e o desenvolvimento territorial sustentável através do empreendedorismo¹ e protagonismo juvenil² são os focos da instituição e não a agroecologia propriamente dita ou a Educação Ambiental.

A Pedagogia da Alternância é uma metodologia de educação transformadora. Proporciona um processo de ensino-aprendizagem que permite o jovem rural aprender a partir da sua realidade. É através dessa realidade, reconhecendo-a, valorizando-a e transformando-a, que ele, o educando, passa a re-significar o rural, passando a dar valor e resgatando valores culturais, percebendo que é preciso viver, reproduzir, mas também cuidar para as gerações futuras.

1 Processo que se caracteriza pelo desenvolvimento de competências pessoais e /ou coletivas de saber, querer e fazer.

2 Capacidade pró-ativa de tomada de decisão em que o jovem se coloca como autor e protagonista de uma história de transformação social que também é a sua história.

As transformações pertinentes a que os jovens e suas famílias se submetem não dependem somente da formação que o CEDEJOR disponibiliza. O CEDEJOR provoca e incita a mudança contribuindo na construção de conceitos, idéias e ferramentas metodológicas, mas muito depende do perfil de cada jovem. Devem buscar outros espaços formativos, participações sociais e abertura da família para a aplicação dos novos conhecimentos, mas se não possuem esse perfil, as transformações podem ser mais lentas. Contudo, a família também precisa ter um perfil propício para abertura a novas idéias e ideários, bem como composição de seus membros que permita liberar o jovem para a prática social e a busca de novos espaços formativos.

Ao se valorizar a Pedagogia da Alternância, tornando-a principalmente uma política pública, se está favorecendo, a partir de projetos educacionais, uma adoção da cultura da complexidade a que Boff (Acessado em 07 de abril de 2008) se refere. Através da Pedagogia da Alternância busca-se contribuir para que os jovens possuam faculdades que lhes possibilitem enxergar “as interrelações do mundo vivo e ecodependências do ser humano”. Tratar tudo de forma global e integrada implica dizer que a educação tem papel fundamental nesta compreensão.

O Brasil possui dimensões continentais, com grande parte do território possuindo climas tropical e equatorial, que são altamente propícios ao desenvolvimento de sistemas agrícolas ecológicos, ou seja, ao desenvolvimento da agroecologia. Possui ainda uma agricultura familiar fortalecida, que se reproduz culturalmente mesmo depois de décadas de massacre ideológico de agrônomos e outros profissionais de ciências agrárias que ainda são formatados academicamente para disseminação do “pacote tecnológico” convencional da Revolução Verde, baseado no princípio da escassez e dependência. Muitas famílias agricultoras perderam suas identidades mantendo poucas ou quase nada suas tradições, mas

muitas também mantêm fortes as tradições culturais e agrícolas, principalmente suas estratégias de reprodução no sistema de agricultura familiar.

Dentro deste contexto a Pedagogia da Alternância teria um papel fundamental como política pública para uma educação do campo, que valorize a agricultora e o agricultor familiar como categoria social e que necessitam de educação continuada, que resgate sua auto-estima, que seja uma educação integral que estimule a cidadania e valores morais e a ética em torno de questões ambientais. A partir dessa educação que estimula o protagonismo e o empreendedorismo, poderá ser construído um rural pelo e para o povo, que contenha suas expectativas e anseios e que possa assim garantir dignidade, soberania alimentar e sustentabilidade ambiental.

Priorizar políticas públicas para a agricultura familiar é favorecer diretamente a produção e comercialização regional de produtos, contribuindo para o desenvolvimento local. A manutenção das estratégias de reprodução da agricultura familiar junto à manutenção da permanência dos jovens no campo, garantindo a sucessão familiar, são ações que devem ser priorizadas como políticas públicas.

Considerar a educação integral, que permite ao jovem compreender melhor sua realidade, ampliando sua visão de mundo, é condição *sine qua non* em políticas públicas para a juventude, garantindo formação e capacitação às jovens agricultoras e aos jovens agricultores, permitindo assim a conscientização ambiental, a aplicação de práticas agrícolas e manejo animal ecológicos, a replicabilidade dos sistemas de produção da agricultura familiar e conseqüentemente parte da resolução do problema de evasão desses jovens do meio rural.

10. REFERÊNCIAS

- Altieri, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 2002.
- Arroyo, M. G.; Caldart, R. S.; Molina, M. C. (Org.). **Por uma educação no campo**. – Petrópolis: Vozes, 2004.
- Boff, L. **Educação eco-centrada**. AW4 Tecnologia. Disponível em <http://envolverde.ig.com.br/?busca=boff&x=0&y=0&&pg=2#>. Acessado em: 07 de abril de 2008.
- Brasil. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. **Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas**. / Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. – Brasília: Unesco, 2006.
- Caldart, R. S. **A escola do campo em movimento**. In: Arroyo, M. G.; Caldart, R. S.; Molina, M. C. (Org.). **Por uma educação no campo**. – Petrópolis: Vozes, 2004.
- Capra, F. **A teia da vida**. – São Paulo. Cultrix, 1996.
- _____. **As conexões ocultas**. – São Paulo. Cultrix, 2002.
- Carneiro, R. R.; Rosa, R. S.; Monnerat, P. F. **Florestando a agricultura familiar: assessoria técnica agroflorestal com enfoque participativo**. p. 389. Anais V Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais. SAF's: desenvolvimento com proteção ambiental. Sociedade Brasileira de Sistemas Agroflorestais. – EMBRAPA Florestas, 2004.
- Castro, M. G.; Abramovay, M.; Leon, A. **Juventude: tempo presente ou tempo futuro? Dilemas em propostas de políticas de juventude**. – São Paulo: GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007.
- Chequeto, J. **Educação e formação em agroecologia**. Disponível em http://www.encontroagroecologia.org.br/files/Educacao_Formacao.rtf. Acessado em: 25 de março de 2008.
- Chizzotti, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.
- Costa, A. C. G. **O protagonismo juvenil passo a passo – Programa Cuidar**. TAKANO Editora Gráfica, 2001.
- Estevam, D. de O. **Casa familiar rural: a formação com base na pedagogia da alternância**. – Florianópolis, SC. Insular, 2003.

- Foladori, R.G. **Limites do desenvolvimento sustentável.** – São Paulo: Editora da Unicamp Filiada a Imprensa Oficial de São Paulo. 2001.
- Freire, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Gadotti, M. **A ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da Carta da Terra.** Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm>. Acessado em: 03 de outubro de 2007.
- _____. **Pedagogia da Terra e cultura da sustentabilidade.** In: II Seminário Internacional de Pedagogia da Alternância – Formação em Alternância e Desenvolvimento Sustentável. União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB, 2002.
- Gimonet, J. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFA's.** Coleção: Aídefa – Alternativas Internacionais em Desenvolvimento, Educação, Família e Alternância. – Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2007.
- Götsch, E. **Homem e natureza: cultura na agricultura.** – Recife: Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, 1997.
- Heemann, A. **Texto científico: um roteiro para estruturação, citações e referências de projetos e trabalhos monográficos.** 3 ed. – Curitiba: Guerreiro, 2005.
- Jardim, C.; Cândido D.; Chemim, S. C. **A importância do trabalhos com projetos de aprendizagem como forma de desafio à construção de conhecimento.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Gurupi, 2003.
- Kolling, E. J. **Alternância e formação universitária: o MST e o curso Pedagogia da Terra.** In: II Seminário Internacional de Pedagogia da Alternância – Formação em Alternância e Desenvolvimento Sustentável. União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB, 2002.
- Lanz, R. **A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano.** 9. ed. – São Paulo: Antroposófica, 2005.
- Lovelock, J. E. **Gaia: a Terra viva.** In: WILSON, E. O. (org.) Biodiversidade. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1997. Disponível na Internet em: <http://hps.infolink.com.br/peco/nage_03.htm>. Acesso em: 23 jan. 2007.
- Oliveira, Z. F de. **Formação continuada dos educadores do CEDEJOR na prática da pedagogia da alternância.** Universidade Federal de Santa Catarina. – Florianópolis, [2008?]. No prelo.
- Programa Empreendedorismo do Jovem Rural. **Unidade político metodológica.** Instituto Souza Cruz, 2007.
- Queiroz, J. B. P. de. **Prefácio.** In: II Seminário Internacional de Pedagogia da Alternância –

Formação em Alternância e Desenvolvimento Sustentável. União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB, 2002.

Revista Geração Sustentável. **A dimensão espacial do desenvolvimento sustentável.** mar/abr, 2008. ano 2. edição 6.

Rizzin, I; Castro, M. R. de; Sartor, C. D. **Pesquisando: guia de metodologias de pesquisa para programas sociais.** – Rio de Janeiro: Editora da Universidade Santa Úrsula, 1999.

Sampaio, R. M. W. F. **Freinet: evolução histórica e atualidades.** Série: Pensamento e Ação no Magistério – Mestres da Educação. editora Scipione, 1989.

Veiga, J. E. da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula.** 2. ed. – Campinas, SP. Autoras Associados, 2003.

Waiselfisz, J. J. **Relatório de desenvolvimento juvenil.** Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana – RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT. 2007. 167 p.

11. APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE AUTORIZAÇÃO DA PESSOA FÍSICA PARA USO DE DADOS E IMAGENS PARA FINS DE MONOGRAFIA

Eu, _____, portador de RG nº _____, residente na localidade Papanduva de Cima, em Prudentópolis-PR, pelo presente instrumento declaro estar totalmente esclarecido a respeito dos objetivos da pesquisa, bem como da publicação dos dados por mim fornecidos. Diante do exposto, autorizo o pesquisador Rafael Raia Carneiro a utilizar dados e imagens de minha propriedade particular, como também imagens de minha pessoa e meus familiares, na monografia intitulada Educação Ambiental e Pedagogia da Alternância – o caso de um jovem em formação no CEDEJOR Centro-Sul do Paraná, apresentada ao Curso de Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento, junto à Universidade Federal do Paraná. Ciente de que daí decorrerão a sua divulgação pelo sistema nacional de bibliotecas e por meio de artigos e comunicação em eventos, periódicos e livros.

Por ser verdade, firmo o presente.

Curitiba, _____ de _____ de _____.

NOME DO JOVEM